

POEMAS

DE PAULINO DE OLIVEIRA

EDIÇÕES «DESCOBRIMENTO»

1932



A Fernando Perua,
com muita admiração,
oferece o filho do autor:

Orosio de Oliveira.
(Em seu nome e no do seu
Irmão).

1932.



V. Fernando Rivas

Departamento de Historia

Universidad de Chile

Facultad de Filosofía y Letras

Departamento de Historia

Antigua

1955

P O E M A S

DE PAULINO DE OLIVEIRA

POEMAS

DE PAULINO DE OLIVEIRA

EDIÇÕES «DESCOBRIMENTO»

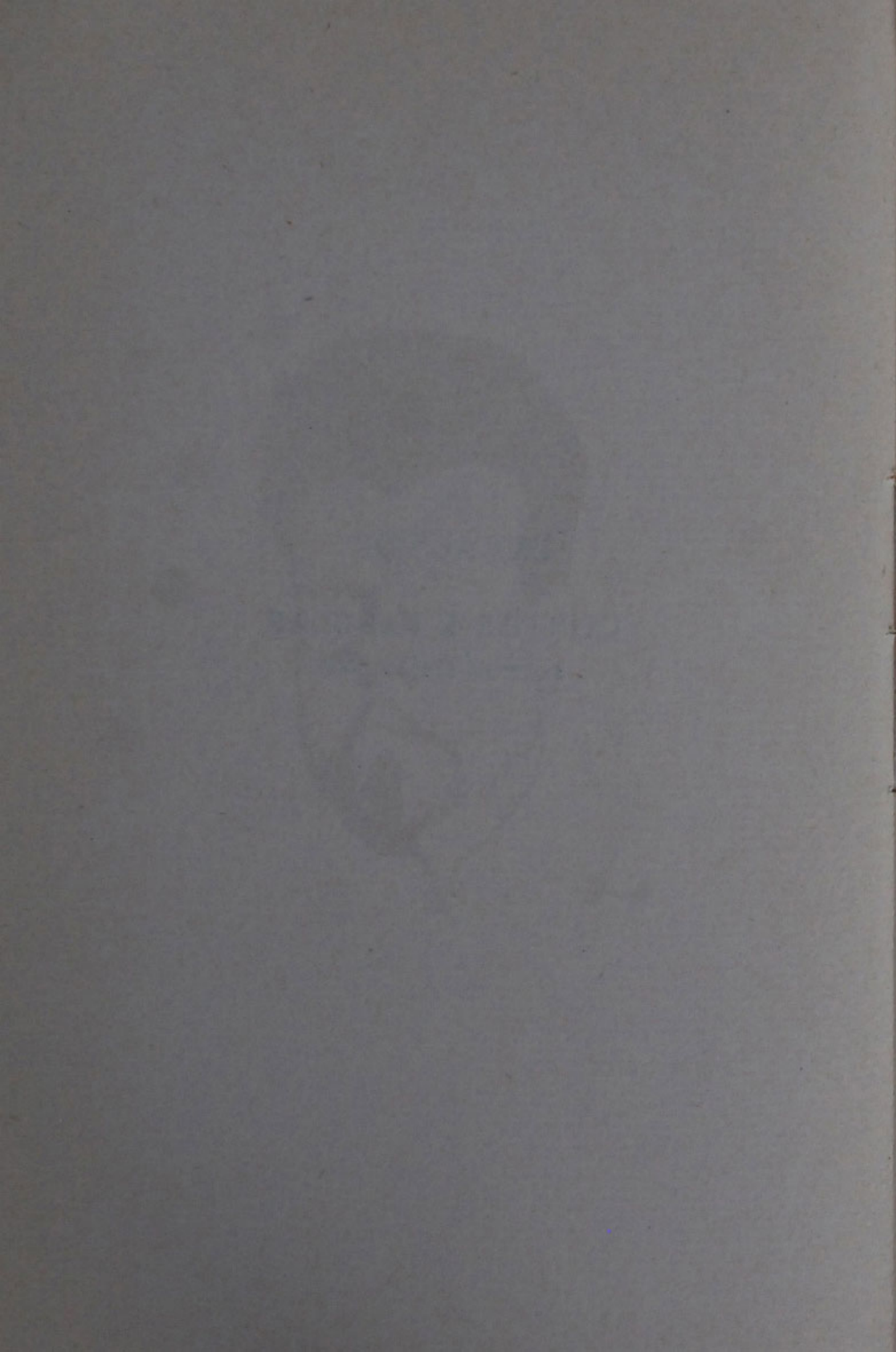
1932



DO AUTOR:

CONTOS E FÁBULAS

SEGUNDA EDIÇÃO: 1909





26.

NOTA SÔBRE
A EDIÇÃO

Quando a morte o surpreendeu, preparava Paulino de Oliveira a edição dos seus Poemas.

A escolha das poesias que julgava dignas de perdurar e a sua ordenação num todo harmónico que pudesse constituir uma perfeita architectura, sintetizando a sua actividade espiritual e o seu sentido da vida, já as realisara o Poeta quasi por completo.

Das muitas poesias inéditas dos primeiros tempos — sacrificadas voluntariamente, quasi por completo, as poesias da mocidade, simples manifestações da sua espontaneidade lírica — recolher ao Poeta aquelas que marcavam o início da sua criação profunda. E éle mesmo as ordenou com os títulos de Velha Lírica e Aspectos.

Das outras épocas escolhera tudo o que não representava apenas espontaneidade de momento

mas inspiração profunda, e o que não ficara fragmentário e esboçado apenas.

Um tal cuidado de perfeição e de harmonia exigia, porém, que à ordenação da obra até final — até à sua publicação — presidisse o espírito que a criara e que assim, voluntariamente, nobremente, a quizera.

Não o permitiu a sua morte prematura.

Os que tinham por dever realizar o seu sonho de uma edição dos Poemas encontraram-se em face da mais alta responsabilidade: completar uma obra de ordenação e de escolha, de acordo com a vontade manifestada pelo Poeta.

Fácil lhes teria sido fazer uma edição de todos os versos. Difícil, e só agora possível, a edição que podesse corresponder aos seus desígnios.

Precisou, quem recolheu a sua herança espiri-

tual, de adquirir a capacidade e a autoridade necessárias para, piedosamente, completar a ordenação e escolha já pelo Poeta iniciadas.

Difícil é o esforço, o cuidado, despojado de sentimentalismos, que é necessário para ordenar e realizar numa edição a obra de um poeta—escolhendo e julgando para que as grandes e profundas criações não fiquem submersas nas acumulações das obras fragmentárias, incompletas, apenas tentadas.

Mais difícil ainda quando essa obra de edição deve incidir sobre as poesias de alguém a quem nos prende o mais profundo sentimento.

Julgamos, no entanto, ter cumprido o dever que nos era imposto.

Para isso obedecemos inteiramente às directrizes que o Poeta deixara, procurando apenas levar a final a sua obra—escolhendo o que éle teria

escolhido e ordenando os Poemas como éle definitivamente os teria ordenado.

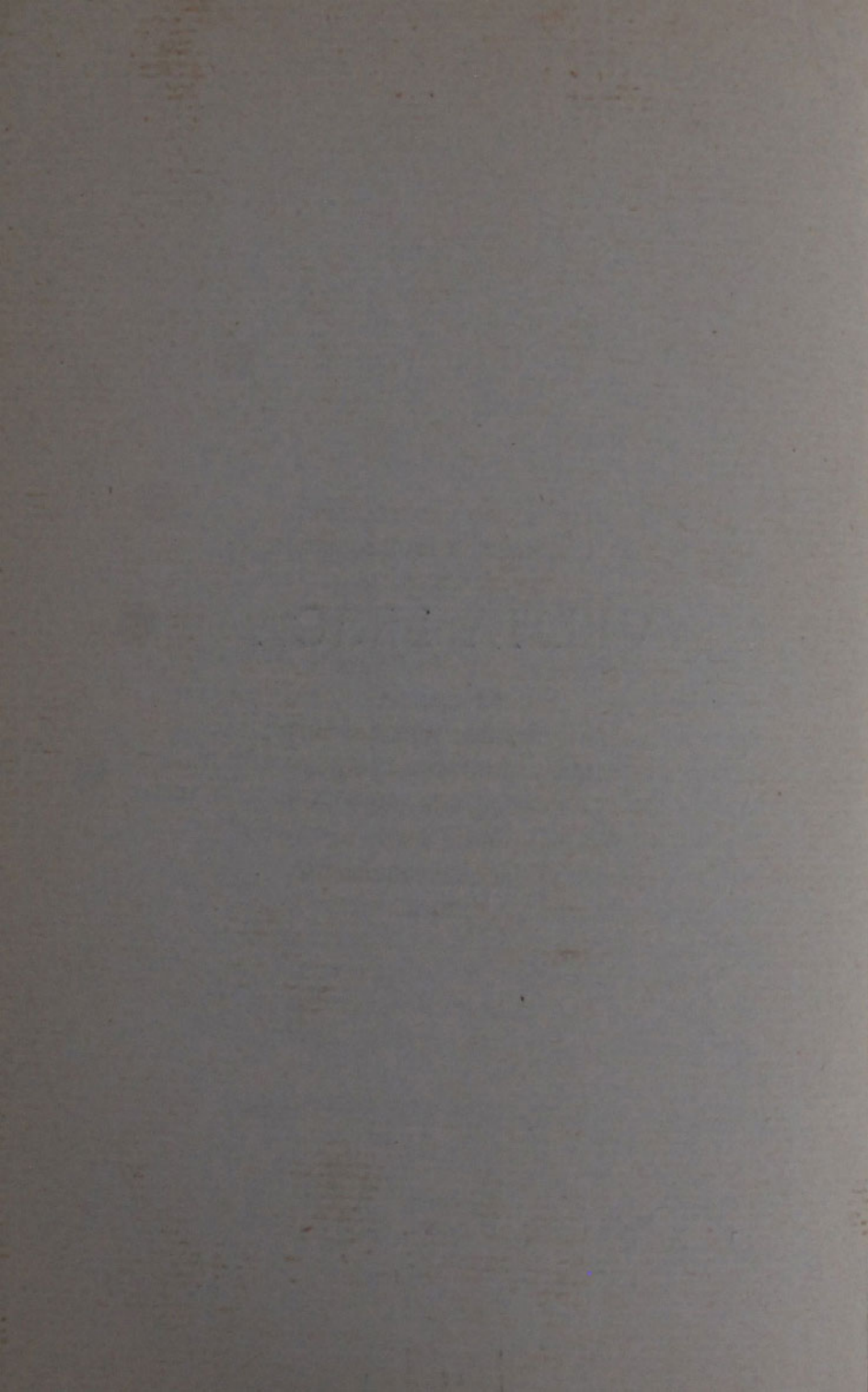
Por isso apenas — pela vontade do Poeta — têm os Poemas a ordenação de harmónico edificio, de perfeita architectura que éle lhes desejara.

Começam pela espontânea manifestação do seu sentido do amor e do sofrimento humanos, retemperam-se, depois, na mais intensa e mais íntima meditação lírica, para ascenderem, finalmente, à contemplação e à afirmação das verdades supremas: a Terra, o Amor, as Fatalidades admiráveis, e a compensação e a protecção que a Vida oferece ao Homem no seu eterno caminhar.

Assim ficarão os seus Poemas como éle os desejou — poema perfeito da ascensão da sua alma.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO DE OLIVEIRA.

VELHA LIRICA



O meu peito é pôço fundo,
E a tristeza, a minha mágua,
A água.

Apliquei engêno ao pôço:
O canto.
Canto, canto, sem descanso,
Velhas, contraídas máguas,
— Tristezas que deito fóra...
Mas são tantas essas águas
Que já não dá vencimento
A nóra.

Trago a cabeça turvada
Por uma infame tontura...
Oh minha mãe, eu receio
Que me salteie a loucura!

Que suplicios, que desgostos,
Curti, tôdo o santo dia...
Minha mãe, que horrivel cousa
Deve ser a apoplexia!

Sigo à tôa, tacteando,
Na babel da confusão...
Que noute! Assim deve ser
O horror de uma congestão...

Ando tonto, cambaleante,
No meio de um torvelinho;
Julgo-me ebrio — a desventura
Que mau e pestifero vinho!

Que adoudado estonteamento
Nesta cabeça, coitada!
Cada vez é mais confusa,
Cada vez é mais pesada.

Seguro-a entre as minhas mãos,
Pesada de ódio ruim...
E tu, minha Santa Mãe,
Longe, tão longe, de mim!

Mal a suspendo ; com ela
Não pode o afrouxado braço.
— Podesse eu, boa mãesinha,
Escondê-la no teu regaço !

Que pêso, meu Deus, que pêso
Que tormento angustiado...
— Não pèsa mais a cabeça
De um pobre guilhotinado.

E sinto-me, ao mesmo tempo,
Com não sei que vago enjôo,
Parece, triste emigrante,
Que mar em fora já vou...

Atordoamento espantôso,
Mesquinha, hesitante sorte...
Asas roçam-me, sinistras,
De extranhos males, de morte!...

Minha mãe, minha mãesinha,
Santinha, três vezes santa,
Ah nem mesmo a tua crença
Esta tortura me espanta.

E eu que me julgava forte
E de altaneiros juízos,
Tenho agouros, quasi creio
Nos mais velhos prejuízos.

Lembro-me: talvez estejam
A fazer mal... bruxaria...
Sei lá, em tudo acredito
Neste sofrer, neste dia!

Meu Deus, que ignobeis torturas,
Vertigens curtidas só,
Que furiosas machadadas
Me descarregam sem dó.

É a pobre da minha alma,
Sem rumo, gasta, perdida,
Na ansiedade da ternura
De mãe que buscou na vida.

SINOS

Quando, alta noute, o cerebro desfeito,
Vou procurar, na placidez do leito,
A paz reconfortante e nirvanada,
Quasi sempre, Deus meu, em turva queixa,
Minha cabeça freme, e não me deixa
Colher no sono a calma cubiçada.

Nela revolvem-se, vagos, difusos,
Não sei que sons, absurdos e confusos,
Que me atordoam espantosamente.
Que ruído é este que o meu ser escuta?
Talvez o eco da diurna luta,
Que me alucina e que me põe doente...

Fecho os olhos a ver se o sono chamo;
Fecho os olhos em vão, e em vão eu clamo,
Nem sei por quem, em oração piedosa...
E cada vez eu julgo mais... suponho...
— Crise de nervos ou sombrio sonho,
Epilepsia estranha e dolorosa...

Agora, que se tumultúa e agita
Mais, a minha cabeça, a pobresita,
— Que dia de agonia e desatinos!... —
Escuto entre o silencio, escuro e vago,
Deste meu quarto pobre, morto lago,
Que lá longe, lá fóra, tangem sinos.

Minha pobre cabeça desvairada,
Que dó tenho de ti, triste coitada...
Como latejas forte, febrilmente!
Ouves que tangem... queres protestar...
Não queres crer e tens de acreditar
— Que sinos tocam, ouço realmente...

Ao largo, muito ao largo... mas decerto
E' de sinos. O ouvido apuro e esperto.
— Ora sinos, pois não, sinos agora...
Convencida e a sorrir diz-me a razão.
Mas, bem depressa, muda de opinião,
Pois tocam sinos pela noute fóra.

Corro à janela, palido de mêdo.
Abro a janela e embalde o espanto arredo.
Sem que eu precise donde e como se àlam,
Sem que ouça os bronzeos tons batendo a rua,
No meu confuso ouvido continúa
O som de longes torres que badalam.

Fecho as janelas, frigido de espanto.
Recolho à pressa e triste como o pranto,
Com a cabeça ardendo borbulhante.
Quero asfixiar a idéia que me cansa
No leito flácido em que se descansa;
— E os sinos vibram pela noute adeante...

E se dormir alcanço porventura,
Nem sempre, mesmo assim, a desventura
Dessa idéia me deixa de agitar...
Toques de incendio? Dobres a finados?
Rebates conclamando sublevados?
Não sei, não sei... — e os sinos sem parar...

FLORES NO QUARTO

Quarto sem luz, dum ar viuvo e frio...
Tenho a cabeça, enfebreçada, a arder.
O sono hoje não desce, a apasiguar-me.
Pelo silencio, a espaços, dando alarme,
Anda um confuso som, de entontecer.

Procuro companhia com que esqueça
Esta vida de só, de abandonado.
Sonho um corpo florido, crepitante,
De carne moça e viva de baccante
Sem tunica, num sonho depravado...

Penso que me abre a porta, lentamente,
Impondo-me em silencio amplos assombros,
E que, nervosa, se dirige ao leito
— Como um ramo gentil todo desfeito
Os seus cabelos soltos pelos hombros.

E chega, todo trémulo, radioso,
Numa graça aromática e ligeira.
Toda a alcôva estremece e se perfuma
De olôr que embriaga... e me envenena em suma
Como um *bouquet* bizarro à travesseira.

Mas tarda... oh sonhos vãos!... Porém, teimando,
O sonho não me larga, a enfebrece;
O corpo que eu criei e me apetece
Grita no escuro, o aroma me enlouquece
— Vermelho ramilhete, ao fundo, a arder...

CIGANA

Meu novo e ardente amor, minha nova loucura,
De garço olhar cruel e tez acobreada,
Teu olhar sem amor o meu amor procura
A brilhar e a ferir como, por noute escura,
O rapido faiscar de lamina aguçada.

Que me importa que tu, por orgulho de raça,
Resistas desdenhosa à força do pampeiro...
Ou, quando muito, então, em calculista traça,
Ponhas teu corpo lindo e cubiçado em praça
— Dês o teu corpo só, e a troco de dinheiro?

Que me importa tambem, na opinião de amigos,
Que estejas já fruida em noutes desregradas,
E seja o teu amor de abismos e perigos,
E eu tenha ainda «os teus» por torvos inimigos,
Assaltando-me, a uma esquina, às navalhadas?

É que isto de paixões não se medita e regra
Como um livro de escrita ou um livro de estudo ;
Que importa, sim, dizei, que este amor que me alegra
Tenha pela familia alguma historia negra
E use faca na liga e contrabando em tudo ?!

Tu, que na côr da carne e no simples vestuario
Pareces, de violenta, uma sangrenta rixa,
Entende que eu não tremo ante o destino vário ;
Podes na minha mão ler esse meu fadario,
Anda, *gitana*, vá! — Lê-me a *buena-dicha*.

Sobre a curva viril do farto e rijo seio
Anda traçado em *xis* o pintalgado chaile
E os largos quadris, dum perfeito tipo cheio,
Move alegre não sei que artistico meneio,
Gracioso e regular, de castelhano baile.

Os olhos são crueis, mas teem tambem um brando
Veludo de meiguice e uns geitos de encantar ;
Vê-los é ver brandões, punhais, revoluteando,
E esferas de metal fantasticas, girando,
Em pleno e cheio circo — em jogo malabar.

TARDE DE CHUVA

Chove. Palestra-se animado,
Num tom viril e hilariado,
Em cousas d'Arte e de emoção...
E a pouco e pouco, lentamente,
A chuva, ha pouco indifferente,
Vae destilando sensualmente
Uma suave sensação...

— E lembra-me, não sei porquê,
O teu sorriso a infiltrar-se ;
E lembra-me, nem sei porquê,
O teu olhar a interessar-se
De meigo e amante que ele é!...

Pela janela embaciada
Vejo a cidade emporcalhada
Cheia de lama e poças d'agua ;
E a chuva, ha pouco voluptuosa,
Cai em salseiro, torrentuosa, —
Chove-me dentro, pegajosa,
Pingando tédio e turva mágua...

— E lembra-me, não sei porquê,
Que já me inspiras repulsão ;
E lembra-me, nem sei porquê,
Que me aborrece a impressão
Do teu amor, de farto que é...

E a chuva aumenta, a desabar ;
— A praça, a nado, é como um mar —
Cai persistente e fria e firme.
E é tanta a chuva despenhada,
Eu sinto-a tanto, e tão pesada,
Que só de ouvi-la, em enxurrada,
Julgo que vou a submergir-me...

I

Amava... e por amar e muito ser amado
Quantas penas sofri! quanta dôr hei curtido!...
Ai quem dera — dizia — o coração parado,
Ai quem me dera tê-lo estanque, empedernido.

II

Agora em frente à dor, tristíssima e ululante,
Nem sequer estremeço e o choro não me aflora...
Morreu-me o coração — eu brado triunfante —
Não viva a vida alegre e intensa, muito embora!

III

Mas... receio afinal que o coração inerte,
Parado de momento apenas, insensível,
Sem o choro bendito, a refrescar, desperte
Para um sofrer maior e muito mais horrível.

PETRIFICAÇÃO

Repara como a agua em regadeira
Que vem cantando d'alto, trasbordante,
Descobriu a raiz da carvalheira.

Assim, essa raiz que ao léo se engelha,
Lembra os dedos de mão de mendicante
Que se esbruga de lastima e de velha.

E a agua desce, em borbotões, cantando,
A ir matar a sêde do pomar,
Fugindo ao sulco que lhe vão marcando.

Pela raiz antiga e descoberta
Vai, gelada, passando a cachoar;
Petrificando-a vai, em luta certa.

E eu lembro um coração que é novo e entanto
É duro já, como a raiz gelada ;
E penso — agora — que caudal de pranto,

Que soma enorme de infortunio e mágua
Terão petrificado a desgraçada
— Como esse actuar do turbilhão das aguas.

LUZ AUSENTE

Às vezes a desventura
É preferível, Senhora,
À sorrisonha ventura
Colorida como a aurora.

Na minha alma triste, escura,
Lampejou arroubadora
Essa luz, tão viva e pura,
Que vos gentilisa e doura.

E eu que vivia quieto,
Embora sem um afecto,
No fundo da obscuridade...

Sinto-me mal actualmente :
A chorar a luz ausente,
A vossa astral claridade.

HORA DOCE

Senhora, vê-la
É tudo quanto anseio, o que procuro;
Vê-la, de longe, como vejo a estrela
Num céu bem puro.

Vê-la, é bastante :
Assim, de longe, como fito os astros.
Que mais pode querer o caminhante
Que anda de rastros ?...

Por que razão
Me foge, logo, assim apavorada,
Como ave que presente o furacão,
Alvoroçada ?...

P'ra que evitar
Não só os olhos mas o lindo rosto,
Em que cae a doçura, à beira mar,
Dum bom sol posto ?

Amor vulgar
Não o que eu sinto... e se é amor, acaso,
É como se ama a Virgem dum altar,
Doce de ocaso...

Só um momento
Que eu percebesse que esta idolatria
Enraizava impuro prendimento,
Eu fugiria.

Então, em fuga,
Iria logo, tremulo, receoso...
Quero esta adoração sem uma ruga
—Lago radioso.

Amor que eu tomo
Mais oculto e modesto que as violetas...
E ponho todavia alto, como
Moram planetas.

Amor que esteja
Longe da posse, livre do contacto,
Pixide benta e d'oiro numa igreja,
Sem desacato.

Amor bem santo.
Como eu o sonho, sem lascivo assedio,
Sem sopro ardente a embaciar o encanto,
Indemne ao tédio!

Paixão sem par,
Sempre fresquinha, sempre verdadeira,
Eterna flôr que dure, sem destoar
Da vez primeira.

Vê-la, Senhora,
Permita-me, portanto, flôr tão casta,
Como aguardar costume a luz da aurora...
— Vê-la me basta.

A SUA VOZ

Andava ha tempos buscando
Um comparado subtil,
Com que descrevesse, exacto,
O som, para mim tão grato,
Da sua voz tão gentil.

Hontem, porem, por acaso,
— Ia o sol alto, esbrazeado —
Junto a uma mina tlintante
D'agua fresca, trasbordante,
Achei o significado.

É que ouvindo a voz da agua,
Fresca, fresca, cristalina,
A cair-se voluptuosa
Da nascente remançosa
Por entre a avenca franzina,

É que ouvindo essa voz dôce,
Duma quebrada dolencia,
D'alvo tanque a despenhar-se,
Como se andasse a infiltrar-se
Por toda a nossa existencia...

É que ouvindo essa voz única,
Fina, de vago cansaço...
A banhar-me de frescura,
Enquanto o sol pela altura
Ia ardendo, pelo espaço...

Julgava estar escutando
— Voz que a minha alma estréla! —
Sua vozinha cantada
A ler atenta, encantada,
Alguma ingenua novela.

BEIJOS

Beijos de mães desveladas,
— *Avé Marias* tocadas
Num rubro e oiro de poente...
— Beijos feitos de perdão...
— Pedacos de coração
Sacrificado e contente...

Beijos que trazem conselhos,
Severos como evangelhos...
Beijos de pais, graves, calmos...
— Como benções piedosas
Em cathedraes majestosas
Todas resoadas de salmos.

— Beijos honestos de irmãs,
Clarinhos como as manhãs
Sonoras de primavera...
— Beijos de avós, sentenciosos,
Que lembram sitios saudosos
E velhos muros com hera...

Beijos de noiva assustada,
Como florinha cortada
Ungindo a mão assassina...
— Tremor de astro que desmaia...
— Ondas morrendo na praia
Com rendas de espuma fina...

— Beijos de amantes sensuais,
— Mórns banhos orientais...
— Fontes de aromas correndo...
— Beijos que rasgam vestidos
E ensangentam os sentidos...
— Falerno a rodos, fervendo...

— Beijos altos e cantados
De botõesinhos rosados,
De criancinhas galantes...
— Cristal e oiro chocando-se...
— Aves aos trilos, banhando-se
Em ribeiras murmurantes...

Beijos de espôsa... esses, esses,
— Com que tu, mulher, me aqueces
E me deleitas e guias! —
Têm todas essas doçuras,
Clarões, desvelos, frescuras,
Bondades e harmonias.

PRIMEIRO FILHO

Recordo-me... Que rubras alegrias,
Só de pensares que serias mãe!
E se o contrario te agoirava alguém
De odio zangavas-te, empalidecias.

Ser mãe foi sempre a tua aspiração,
Como ser pai o meu supremo encanto.
Se o nosso amor florira tanto, tanto,
Havia de dar fruto — porque não ?!

Ser mãe! Ser pai! — isto é: ter um filhinho
Lindo — mesmo que um monstrosinho fosse...
Sabendo ao estreito abraço, ao beijo doce,
Com que andámos fazendo o nosso ninho.

Um entesinho claro como o leite
Com que depois o has-de amamentar,
Ou moreno, talvez, como a acusar
O fogo da paixão e do deleite...

Um filho — ou uma filha — despertando,
Com seus ares de nova autoridade...
E duma forte e sã alacridade,
As nossas horas tristes alegrando.

A nossa carne e a nossa alma unidas,
Frutificando em flor auroreal,
Para, quando ambos mortos afinal,
Ser a continuação das nossas vidas.

Cedo o nosso destino, felizmente,
Vai conceder-nos esse dom precioso...
É proximo o momento perigoso,
E andas enorme e palida e doente!

Sofres... Crescem e mudam cada dia
Dores, incomodos, que em ti pesaram...
Nunca as grandes venturas se compraram
Com pouco esforço e minima valia.

Mas com esse aumentar de cada instante
De muitos sobresaltos e receios
Vão crescendo, tambem, nossos enleios
De amôr de pai, como de amôr de amante.

A nossa alma, em vez de dispersar-se
Com este desdobrar da nossa vida,
Ganha mais força e tange mais unida.
Serão três almas presas, a amparar-se...

E lembrar, forma eterna, nesta ansia
Em que bendizes mesmo tanta dor
Que ha mulheres que tremem de pavor...
Só de pensar na perda da elegancia!

Que o nosso filho, dealbante, nasça,
À noite conceptiva pondo fim...
— Vibram córos do céu dentro de mim!
Avé, amorosa Mãe, cheia de graça!...

Santo fenomeno que a vida esmalta
E à luz ministra a luz compensadora,
Que sejas feliz nessa suprema hora!
Bendito o fruto que em teu ventre salta!

ASPECTOS

BAIRRO AFASTADO

I — POR FÓRA

Longe do ruído, longe
Das arterias da cidade,
Vivo, como estranho monge,
Numa casta obscuridade.

Aos *boulevards* eu prefiro,
Com um soberano encanto,
O pacifico retiro
Desta travessa em recanto.

Lá fóra, no mundo nobre,
Poeira, sol, desasocêgo...
Na minha viela pobre
Que calma sombra e socêgo!

Às vezes brigam, de ditos,
As visinhas de uns quintais;
Mas isso antes que os escritos
Das contendias dos jornais.

Quasi sempre, que doçura !
Por estes sitios calados
Batem com força e frescura
Os pregões cantarolados.

É uma vida modesta
A d'estas minhas paragens ;
Não ha bulícios de festa
Nem rodam as equipagens.

Por isso se pensa e escreve
Com outra calma, outro brio ;
Nem sequer se escuta ao leve
Algum piano arredio.

Varandas altas, floridas,
Com roupa lavada, branca,
Lembram kermesses garridas
E festas de feira franca.

As varandas e as janelas
E até beirais de telhados,
Que roçam pelas estrelas,
Estão todos enflorados.

Andam longe, nas canceiras,
Os terrosos operarios ;
Cantigam engomadeiras
E empoleirados canários.

N'algumas janelas — vejam —
Uma fauna extraordinária,
Entre plantas que vicejam,
Em gaiolas d'arte vária.

Melros, perdizes e rôlas,
Cantôres d'alguns acertos
E diferentes escolas,
Que dão uns raros concertos.

Porem o que mais me enleva
De tudo o que nela existe,
Que em alegrias me eleva
E me prostra, às vezes, triste,

É a vizinha gentil
Que me fica mesmo em frente
Quando esmaga ao peitoral
Seu peito farto, inclemente,

E que sempre, por capricho,
Dispende toda a ternura
Com o gato, feio bicho,
Que eu invejo com loucura.

II — POR DENTRO

Por esta travessa obscura
De pouca e certa passagem,
A minha mente, em sondagem,
Divaga, estuda, procura...

Aceada, meio escondida,
Tem um tal ar, um tal modo,
Que me intriga, no seu todo,
A sua pacata vida.

Transpira mesmo bem estar
Sua grave seriedade,
Mas entre a tranquilidade
Quanta desgraça a uivar!

Quantas dores, quanto ralho,
Por dentro, no meio interno!
Que inteiras vidas de inferno;
Doenças, falta ao trabalho...

Costureiritas, mirradas,
Às maquinas entisicam
E ciam e prevaricam,
Às noutes, pelas escadas.

Casas por pagar... no *prégo*
A ultima roupa branca...
E o *fiado* que se estanca...
Falta de carta... e de emprego...

Raras festas... uns desgostos
E azedumes implicantes
Por namoros com tunantes,
Fóra dos paternos gostos...

Atrazos com o padeiro,
Intrigas, coscovilhices,
Molestias, bisbilhotices,
E a cobiça do dinheiro...

Resignações torturadas
De dôr passiva e convulsa...
Mesquinha miséria avulsa
Da loja às aguas furtadas!

Que mísera e triste via
Em toda a interioridade,
Que na vaga exterioridade
Se disfarça, à luz do dia!

Corpos em flôr que emurhecem
Apodrecidos de mágua,
Como dâlias já sem agua
Que, de impossiveis, fenecem.

Vidas de lar sem confortos
Que ecôam pelos saguões ;
Adulterios, ralações,
Parentes longe... outros mortos...

E no mesmo sério estilo
Os predios, todo esse *meio*
Impassível, com aceio,
— Aspecto grave e tranquilo.

PELA RUA

I

O céu livido, de chumbo,
E os prédios altos, sombrios,
Pesam-me sobre a cabeça,
Produzem-me calafrios.

Torno-me a ver provinciano...
O barulho de Lisboa
Com os turvos céus e aspectos
Todo me ensombra e atordôa.

Sinto-me mal, esquisito ;
A idéia é custosa e baça.
Qual carro atulhado em lama,
O tempo, moroso, passa.

A pena a medo escorrêga
E em vão colorido aquece,
Como se a tinta coalhasse
Ou se com lama escrevesse.

Nesta rua, estreita e longa,
As paredes, mal caiadas,
Assim húmidas, viscosas,
Lembram-me lesmas paradas.

Os cartazes esfarrapam-se
À chuva que tudo alaga.
E a legião dos mendigos
Menores, é uma praga.

Estou pesado, nervoso ;
Aos ouvidos, quasi mortos,
Enquanto eu ando, só chegam
Casos de miséria, abortos.

E tudo quanto eu vou vendo,
Tudo quanto eu vou ouvindo,
É sujo, postiço, funebre...
— Quem dera correr, fugindo!

Se escuto fortes rumores
De vida — espantoso açude —
Raivo-me como doente
Que vê os mais com saude.

Não compreendo que se gose...
Porque não goso? — egoismo!...
Não compreendo a alegria
Em quem rola para o abismo...

E vem-me à idéia fulgente,
A vida cara, infeliz...
E a amargura e as vergonhas
De um moribundo país...

E julgo então que essa gente,
Vendo o naufragio sombrio,
Embebeda-se a iludir-se
Na submersão do navio...

II

De noute, outro triste aspecto.
O gaz, muito frouxo, em fila,
Lembra um enterro nocturno,
Em procissão, que desfila.

E nas ruas, nos passeios,
Exibe essa luz clorotica,
Nas poças d'agua, pedaços
De espelhos de graça exotica.

E espelhos no chão partidos,
Que recordam bruxarias...
E onde passam a mirar-se
As furias das ventanias.

E eu que tinha a presunção
De forte e sem preconceitos
Sinto-me supersticioso,
Cheio de velhos defeitos.

A vida assim é funèrea . . .
E agora, sósinha e falsa,
Raras sombras, ainda mais
A dôr seus gestos realça.

Quasi somente se vêem
Uns garotos com jornais
E mendigos tiritando
Que surdem dentre uns portais,

E umas sujas raparigas,
Em acalcanhados passos,
Que, na sombra, se oferecem
Para pasto dos devassos.

Os candieiros, de perto,
Ao vento as luzes tremidas,
Lembram bebedos, aos bórdos,
Dizendo pragas sumidas.

Parece roçar-me a alma
Uma aza de morcego . . .
Tristeza, melancolia . . .
. . . Inquieto desasocêgo.

RECANTOS

Numa sórdida viela
Érro mudo, à aventura,
Por entre montões de lixo,
Podridão e desventura.

Chegam mulheres às portas,
E uma ou outra cabecita
Assoma pelas janelas
— Alvorçada avesita.

Rostos sêcos, de trigueiras,
Os cabelos sem amanhã,
Interrogam com miradas
As minhas feições de estranho.

Gente pobre, miserável,
Cheia de filhos, canceiras,
Sem pão, talvez, mas alegres,
Sempre alegres, chocarreiras.

É como fosse seu feudo
Este bairro sem camisa,
Altivo em sua pobreza,
Que o viver bem escandalisa.

E eu vou seguindo, correndo
Todo esse dédalo imundo,
Sem saber porquê, sem róta,
Entre esse exótico mundo.

Gatos familiares miam ;
Retardataria peixeira,
Descalça, rouca, pregôa,
Dando aos quadris de peneira.

Os prédios quasi se unem
Como um olhar convergente,
Num mêdo sinistro e baço
Da vida real ausente.

Por postigos de janelas,
Sob os musgos dos telhados,
Em estendedouros de roupas,
Há sofrimentos calados.

Raramente uma cantiga
Quebra esta monotonia.
Sitios há dum tal silencio,
Cemiterial, que arrepia.

Outros há de gandaiada,
De gente suspeita, esturdia ;
Crianças choram com birras,
Obscenidades, balburdia . . .

Outros, poucos, mais risonhos,
Onde entra o sol, bom amigo,
Tendo uns magros alegretes
Em velhas caixas de figo,

Com arbustos enfésados
Que se falecem à mingua . . .
— A vida imensa, auroral,
Mesmo assim neles distingo-a.

Mas quasi sempre é só trevas
— Umas ruelas sem luz.
Predios sem cal e sem ar ;
Vidas esconsas, de cruz.

Sujas crianças raquiticas,
Quasi sem rir, torvo bando,
Que anda a peste da variola,
Faminta hiena, espreitando.

E quantos pulmões desfeitos
Entre as convulsões da tosse ;
Sangram pragas e blasfemias,
Trabalhos de sobreposse . . .

Formas de corpo ainda moço
E com mais vida, a sorrir,
Ainda poupado à crápula,
Sem enxerga em que dormir.

Por isso tenta-as a cama
Macia do lupanar.
Que lhes importa? É a vida...
E passa sem as magoar.

A espaços ha robustez :
Colarejas repolhudas
Que ganham por fóra a vida
Com suas gigas ventrudas ;

E alguns, poucos, operarios
Com saude a porejar
— São obreiros que regressam
Queimados do ar do mar.

Os outros, amarelentos,
Mourejam em oficinas,
Antros de fumo e ruido.
Mais palidos, serrazinas,

Tribunos falando rubro,
Sempre gorados Spartacus,
Punho cerrado, ameaçando,
— Os anemicos, os fracos !

Que esterquilineo de vidas,
Em dessorada tristeza,
Pela lucta atraíçoadas
E longe da Natureza,

Que levam o sêlo mau
Da sua força gafada,
Inutil, torpe, e por fim,
Mesmo inutil, explorada.

DA MINHA TRAPEIRA

Aborreceu-me esta vida,
Por mim dantes cobiçada;
Como a mulher violada,
Como a guitarra partida.

Não sei que tediósa pena
Floreja nesta trapeira,
Como flôr à cabeceira
De noute — e que me envenena.

Nostalgia, porventura,
Dos campos do meu torrão...
— Mas não cheira ainda a verão,
A flôres, a fruta madura...

Verdade é que, toda lesta,
A Primavera já veio,
Com o regaço bem cheio
De adornos para a sua festa.

Como saudades me ralani
E trago o corpo desfeito,
Eu passo os dias no leito;
— Tristezas tambem embalam !

Depois, como ando tristonho,
Sem sonhos já de acordado,
Quero ver se assim, deitado,
Dormindo crio algum sonho.

DO ALTO

I

A minha nova morada
Encanta-me. Desta altura,
Pacífica, retirada,
Que vista e atmosfera pura!

Vejo a Baixa, em mancha... e o Tejo,
Coleante fita cobalto...
Que enorme cenário vejo
Deste quarto estreito e alto!

Vem, de longe, amortecida,
Num esparso e vago sussurro,
Ecoando, a ruidosa vida
— O cachoar dum enxurro.

Produz um soberbo aspecto
O casario apinhado;
Risonho às vezes, faceto;
Outras, julgo, despenhado.

Tudo aquilo num montão
Que um imenso cataclismo
Leva, em ruínas, de roldão,
Para o mar — cavado abismo.

Que efeito o do fim dos dias,
Todo em rubro agonisando,
Que altas chaminés, esguias,
De crepe vão esfumando !

Ocasos, flutuantes boias,
De tudo formando espelho :
Azulejos, claraboias,
Vidros, águas... — de ouro velho.

Tudo tem outro feitio :
A invernada... luaceiros
Pondo nódoas pelo rio...
Efeitos de nevoeiros.

Morrinha de cinzas frias
Que ora se esvai, ora inunda...
Esbatendo nostalgias,
Palôres de moribunda...

II

Ouço musica, ao serão,
Quando escancáro as janelas
Pelas noutes de verão,
Na praiamar das estrelas.

Ouço música, quando é
Negra a noute, ou a brilhar
A lua aflòra — em maré
D'aguas vivas de luar.

Ouço que tngem delicias,
Como provindas dos astros...
Dolentes como caricias,
Tristes como almas de rastros.

Será que me ande no ouvido,
Ainda, o refrem maguado
Da vida que ouvi, dorido,
Tumultuar ao meu lado?

Há muito que estão cerradas
As coisas da alma na treva...
E cada vez mais, quebradas
Canções, a cidade eleva.

Que o céu, placa de luz,
Em si concentra e desprende,
Numa toada de luz,
Toda a vida que apreende.

E vaga, triste, indecisa,
Feita de gemidos lassos,
De comoção eterisa
As formas vans, os espaços.

E outras vezes, em surdina,
Tem alegrias de espanto,
Fanfarras, outra neblina
Que enche a cidade de encanto.

Escuto a musica, incerteza
Que se ergue, em gritos, do fundo
E cai depois em beleza
Sobre a cidade e o mundo.

O ENTERRO

Sem um cordão de trens com os «conhecimentos»
E sem repenicado e bronzeo e triste dobre,
Segue, pausado e grave e sonolentemente,
Um enterro vulgar de criancinha pobre.

Num vermelho caixim o líriosinho dorme,
De epiderme de cêra e palpebras cerradas,
Envolto em profusão de panos velhos, gastos,
Sobre um antigo trem de mólas emperradas...

E ele lá vai assim, sem mostras de respeito ;
Atraz dois padres, com simonte e obesidade,
Olham obliquamente os raros transeuntes,
Como quem leva um fardo ou vai de má vontade...

A atmosfera se enturva e esfria e entenebrece ;
A tarde cai, pesada, estúpida, tristonha...
E eu vou pensando então na criancinha pobre
Que se foi enterrar, que não labuta e sonha...

Um homem, apressado, acende os candieiros ;
A luz do gaz é baça e pálida, dormente,
E eu cuido que o clarão que me ilumina o corpo
É como o frouxo gaz, clorotico, doente...

Na praça o *brouhaha* confuso, labirintico,
Que causa o levantar da campanha do dia
— Operarios que vão para o sereno lar
E operarios que vão para a noturna orgia ;

Garotada que ri e pula e joga e berra,
Endemoninhada, em lépidas folias ;
E ranchos mulheris, com os filhos aos peitos,
Que se vão aviar às gordas mercearias...

E todo este rumôr excentrico, difuso,
O espirito perturba, o cerebro fatiga ;
E tenho tentações de me internar p'los campos
Patriarcalmente bons, de solidão amiga...

O ceu é muito baixo, e preto como o còke
Que atulha os armazens do gazometro imenso,
E eu sinto que me pesa e punge a vida amarga,
No espirito alquebrado o mesmo escuro intenso...

E enquanto a noute cresce e a multidão ignava
Se estraga e se aborrece em torpes distracções,
Sinto inveja cruel da criancinha morta
Que não chegou a ver os mundanaes baldões.

FELIZES OS QUE PARTEM

Felizes os que partem!... Na estação
Vai uma enorme grita algazarrada
De gentes que se apressam na abalada,
De bagagens levadas de roldão...

Ainda antes do adeus da despedida
E que o comboio silve fumegante,
Eu ouço, no ruído preparante,
A alegria e as tristezas da partida...

Felizes os que partem! Venturosos
Mais do que eu, sempre sois; sois todos vós!
— Mesmo os que para longe vão de nós
Partindo em busca estranha, aventureiros.

Felizes êsses que inda teem esperança
E, vão por terra, ou vão por sobre as vagas,
Vão na demanda de melhores plagas,
— Como cartada que afinal se lança...

Felizes os que partem ! Eu invejo-os !
Uns que viajam . . . outros a voltar
De longe e longa ausencia ao velho lar,
Cheios de recordações e de desejos . . .

Partir ; viajar bem longe ; procurar,
Qual tedioso que explora um novo amor,
Regiões frescas do Norte — no calor,
Calmas regiões do Sul — ao invernar.

Felizes os que partem ! . . . Que alegria
Ver Vida, o Mundo, vívidos paizes . . .
Alargar pelo mundo estas raizes
Cansadas já de ver tanta agonia . . .

Cansadas e maguadas de viver
A aprofundar o sentimento triste . . .
E a lembrar pelo mundo quanto existe . . .
A luta e a vida sempre a renascer.

METAMORFOSE

Em funda melancolia
Minha vida vinha andando,
Como tambores com crepes
Vindo, em surdina, rufando.

Em lugar do som velado
Duma banda em funeral,
Vibre o oiro e o vermelho
Duma marcha triunfal!

Eu não uso esta tristeza
Que, freqüente, me acomete,
Como um ramo de violetas
A dar mais tom à *toilette*.

Mas toca a lavar a nodoa
Desta amargura, sombria,
Como olheiras bem pisadas
Em côr opalina e fria.

E deixar o escuro prisma
De tudo ver e cantar
Como sendo a vida feita
Só de miséria e pesar.

Ao menos, por uns momentos,
Vou meu mal arrelhando,
Num riso alto, saudavel,
Vou o espírito arejando.

Vou varrer enfim este ar
De tuberculose, exangue,
E a estimulante dos campos
Enrubescer este sangue.

Dar passeios de manhã,
A pé, longas caminhadas;
E beliscar as camponias
Nas ancas arredondadas.

Correr tambem uns pedaços
Como o novilho, as campinas;
Beber agua das nascentes,
De borco, nas proprias minas.

Roubar frutas dos frutedos,
Dos pomares carregados;
Romper calças nos silvedos
Dos caminhos e valados.

Garoto meio filósofo,
Mãos nos bolsos, meditando,
Em vez de ir armar aos passaros
Ir vendo-os, livres, voando...

No olival, os pica-paus,
Carpinteiros destruidores;
Mais as cigarras serrando,
Persistentes serradores;

E os pintasilgos que descem
À babugem das ribeiras.
Ver as vacas que regressam,
— As nédias vacas leiteiras —

Malhado o pelo lustroso,
Olhos de funda ternura,
E de têtas abanando
Inda inchadas de fartura.

Acompanhar as ceifeiras
À volta, no fim dos dias;
Cantar com elas as trovas;
Ir a longes romarias.

Assim ficarei de novo
— Eu que voltára curvado
À tristeza das cidades —
Mais alegre e oxigenado.

Duma alegria escarlata,
Estupenda, que nada aterra,
Compondo versos sadios,
Cheios da vida da terra.

MANHÃ NO CAMPO

Parece-me outro o céu,
Novinho, fresco, avivado,
Alegre, de gabinete
Que foi de novo forrado.

No azul remoçado, o sol,
Ainda froixo, espadana
— Lustre de esplendido efeito —
O ar fino, de porcelana.

Nos altos sôa, em principio,
A partitura de abril.
Clara, sonora, a ribeira
Ri com risada infantil.

Os passaros chilreando
São um bando de bebês,
Sem amas, à solta, aos pulos,
Vendo agua, molhando os pés...

Dos macissos de pinhais,
D'alguns verdes veludosos,
Vêm aos pulmões, penetrantes,
Bons tónicos resinosos.

Pinhais, fechados, unidos,
Em morros, de fantasia
Pouco vista e amaneirada,
Que recorda oleografia.

Há uma frescura acre
E humedecida que afaga,
E que o sol, embora aqueça,
Não inteiramente apaga.

Uma farta exalação
De seiva, que nos perfuma,
Inunda o ar como leite
Que trasborda com espuma.

*

Frémitos em toda a parte :
Em asas leves, contentes,
E em plantas que, até, pisamos
Com passos irreverentes.

Sente-se arquejar ainda,
Das funduras das raizes,
A palpitação sexual
De estranhas nupcias felizes.

Não tarda que a Natureza,
Parturiente sagrada,
Se desentranhe, com Flora
E com Pomona, encantada.

Venham risadas de flores,
Bocas mostrando bons dentes,
Das de olorencias subtis
Às de perfumes mordentes.

Venham rosas, venham cravos,
As flores dos meus carinhos,
Mais frescas que as madrugadas
E mais suaves que os ninhos.

Venham frutos reçumantes
Que eu vos quero mordiscar;
— Como um bom hombro de femea,
De manhãsinha, ao lavar.

Morangos húmidos, rubros,
Como chupões amorosos ;
— Quando os como sempre julgo
Que esmago labios carnosos.

*

Um boieiro, assobiando,
Guia uma junta de bois,
Enormes, mas de olhos doces,
Doces como uns certos dois...

Pudesse eu assim velá-los,
Guiando-os, atraz de mim,
A junta duns lindos olhos,
Crueis, mas doces por fim...

Que não basta a estimulá-los
Esse aguilhão: o desejo,
Mais o grito de «eh, galantes!»
Na linguagem vã do beijo.

Que eles são, por meus pecados,
Novilhos inexperientes,
Ariscos, impetuosos,
Em carreiras imprudentes.

*

Uma cigarra já canta.
Bôa boemia, cantora,
Que não pensas no futuro
— Pois se a vida é uma hora! —

Quando mal nos precatamos,
Foice à mão, Morte a segar...
Fazes tu bem, canta, canta...
Só vale a pena cantar!

Deixa a tóla da formiga
Ir fazendo o seu celeiro.
Só o sonho que se espalha
Em cantos, é verdadeiro.

PAISAGEM

Pelo vale, à flor da areia,
Nasce a água, a borbotar,
Semelha um rio, em redondo,
Um rio na baixa-mar.

Em volta pinhais cerrados,
Cheios de arrulhos de rôlas...
O sol, no ocáso, parece
Esfolhadas de papoulas...

Mais ao longe águas murmuram
— Águas idas em corrente
Do fundo vale e que caem
Num largo tanque adjacente.

Uns bois avançam na água,
Em silencio, vagarosos,
A cornea larga pendida,
Bebendo a sorvos morosos.

A espaços erguem os olhos,
Duma profunda ternura,
Para os longes, como adeuses,
Tintos de estranha doçura.

A baba escorrendo em fio,
As narinas ofegantes;
— Não sei que misterios lendo
Nos coloridos distantes...

Retira o sol para longe,
Já se vai a sepultar;
Um mugido longo, longo,
Corre o vale, a resoar.

TROVOADAS

Descai, lento, o entardecer...
Hora d'ôce e misteriosa
De quem sente em si, saudosa,
Alguma coisa a morrer...

Clarão de fim de batalha,
O crepúsculo. Anoitece.
Desmaia a vida, fenece,
E nas trevas se amortalha.

A unha das luas novas
Sequer inscreve, piedoso,
Um letreiro luminoso,
Como a cruz que ha pelas covas.

Mas outra luz crepitante,
Uma outra vida estrondeia...
A espaços o ar incendeia
A trovoadas distante.

Combate no ar, ao alto...
Os clarões, que relampejam,
Rasgam nuvens que negrejam,
Num tremor de sobresalto.

E a espaços, as nuvens riscam,
Dando-lhes formas fantásticas,
Vertiginosas e elasticas,
Fitas d'oiro, que faiscam.

O trovão é que mal sôa,
Nos longes, como a rodar...
Às vezes dir-se-hia o mar
Que pela costa rebôa.

Cruzam-se as fitas faiscantes
E os relampagos se espertam...
É o cerco que mais apertam
As forças dos assaltantes.

O fogo alarga-se e espalha
O ruído acerca-se, aumenta!...
Rôto o *sítio*, vai violenta
E desmanchada a batalha.

MÉIO DIA

Pleno verão. É meio dia.
Faz um calor equatorial.
Uma buzina corre o campo,
O campo corre, a dar sinal.

Hora de calma, hora de sesta.
Tudo se vai a descansar.
E a Natureza, há pouco em festa,
Tambem se deita a repousar.

Ao sol os tanques espelhantes
Ermos estão de raparigas ;
Não batem roupas estralantes,
Não batem notas de cantigas.

Mudos estão os arvoredos
E mesmo até os pinheirais.
Pelas encostas e silvedos
Não ladram pêrros dos casais.

Pelos *zig-zags* das estradas
Nem chia carro, estrada fóra,
Nem intra-muros e latadas,
Rangente, canta ou geme a nóra.

Ha paz geral pelo infinito
Sôno total. Tudo parou.
No ar dormente nem um grito...
No ar coalhado nem um vôo...

CALMARIA

Um barco, em mancha, ao meio da planura,
Rasa, do rio imóvel, baço.
Fere a pesada e acinzentada altura
O mastro, num esguio traço.

A vela, murcha, enrola-se... Ninguém,
Parece, dentro está. Nenhuma
Vela de barco companheiro vem...
Nenhuma asa côm da espuma.

Sob o duro fitar do céu, absorto,
Todo de estanho, em baixo arco,
Queda-se o rio, que é estagnado, morto...
Pousa dormente, à espera, o barco...

DÔR

DEDICATÓRIA

Oh fonte cristalina dos meus beijos
Que vais secando, ao fogo dêste amôr,
Como no estio, ao rubrido calôr,
As nascentes e os pantanos dos brejos ;

Mina em que eu mato a sêde dos desejos
E em que sorvi o vibrião — a Dôr ;
Agua que escalda e dólcido frescôr
Que roçam minhas ansias, meus bocejos . . .

A ti, que eu crivo diariamente, vário,
De caricias e cóleras sonoras,
Num fluxo e refluxo tumultuário ;

A ti, que, perto, tens ouvido o têma
Deste meu livro, em fastientas horas,
A ti, pobre coitada, este poema.

Pobres versos doridos, tristes cantos,
Exoticos, agrestes, sem carinhos,
Como as flôres dos cactos dos caminhos;
Poema da minha Dôr molhado em prantos...

Lembraes, entre as esturdias alegrias,
A cantata dos pobres aleijados
Que mendigam, á beira dos valados,
Emquanto a gente vem das romarias.

¿P'ra que em verso moldar tanta amargura,
Em vez de disfarçar a desventura?!...
Cantem felizes seus alegres versos,

Que os tristes tiram, torturando mais,
Da propria Dôr, na qual estão imersos,
O seu prazer de amargos sensuaes...

NESTE DESTERRO . . .

«Quare de vulva eduxisti me?»

Como Job, eu, misérrimo, pergunto:
«¿ Para que fui criado?» e o céu e o vento
Que escutam o meu grito, o meu lamento,
Não me respondem nada sobre o assunto.

Se não vimos ao mundo por querer . . .
¿ Porque é que, antes de sermos nós culpados,
Arrastamos os ferros de forçados
E nos esmaga a mó do atroz Sofrer?!

Quando a Dôr me tritura, aguda e forte,
Eu penso na justiça desta Sorte
E na razão desse bom Deus amado . . .

E medito: se outrora, em outro Mundo,
Eu habitei o corpo vagabundo
De algum enorme e triste celerado.

FORÇADOS

Quando vêmos acaso alguma léva
De degredados, tristes criminosos,
Sorrimos de piedade, e, lastimosos,
Pensamos nessa amargurada treva...

¡ Quanta inocencia ali enxovalhada,
E que de crimes nobres que condenam!
¡ Quanto assassino a quem se impõem, ordenam,
Fatalismos de raça excomungada!

E os nossos olhos fitam, deplorantes,
A turba dos sombrios caminhanes,
Sem reparar nos nossos tristes fados...

Jungidos do trabalho ao fardo e ao fundo
Sofrer, o que é que somos neste mundo
Se não uns tristes, míseros forçados!

RESPOSTA

Preguntas porque trovo só tristezas,
Ou entreteço de preferencia versos
De pranto e tédio, frígidos, dispersos,
E não ramos de roseas gentilezas.

Sei que ha tambem celestiais belezas
E primôres em sol e azul imersos ;
Que a Vida não tem só fados adversos
E a bonança sucede às más ferezas.

Mas não sei que tristeza empolga a Lira,
Mesmo em plena ventura, em bom folgado,
E a minha Alma que a sofrer delira...

E sem que eu queira a trova sai maguada
Como o canto de quem disfarça o medo
Cantando, à noute, ao longo duma estrada...

MARÉS

Como o tempo de subito se muda —
Dia pleno de sol e de harmonia
Que rapido se troca em carrancuda
E tôrva catadura de invernã!

Assim a vida caprichosa passa,
Numa levesa louca de Atalanta,
De uma ventura esplendida, que encanta,
Para uma triste e fúnebre desgraça.

Feita de pranto e riso simultaneos
E de gôso e tormento subitaneos,
Assim se leva a vida de romeiro.

Ainda o chôro ás vezes mal se estanca
Abre-se o riso, numa graça franca,
Como clarão de sol entre um chuveiro.

PARENTESIS DE LUZ

Hoje sorriu-me alegre, cariciosa,
— Como janela à luz da madrugada
Subitamente aberta, escancarada —
A Ventura gazil e caprichosa.

Deu-me logo os «bons dias», cuidadosa,
Como aldeão ao longo duma estrada,
Em gentileza sã, desafectada ;
Hoje deitou-me a benção, mãe saudosa.

Resfolgam-me os pulmões mais livremente ;
As narinas afaga redolente
Constante aroma. Rio sem querer.

Num banho de bem estar me sinto todo ;
Tudo tem outra luz e um outro modo . . .
; Aleluia de Côr e de Prazer !

DĒSAFOGO

Deixem-me rir, gosar perdidamente,
Dar largas à alegria endiabrada
Que me visita agora, alucinada,
Na embriaguez de doudo adolescente.

Embora afronte e ofenda irreverente
A grave compostura aburguesada
Dos «homens serios», — ¡ave libertada,
Quero cantar num casquinar veemente!

Aproveitar a rapida Alegria ;
Dá-me a beber a cálida ambrosía
Que faz a vida mísera olvidar...

¡ Gargalha e canta, oh sangue entusiasta,
Que há muito tempo para a Dôr que é vasta
E que há tempo demais para chorar!

A MASCARADA

Entre as recordações esfrangalhadas
Que ás vezes nos assaltam a memória,
Como restos de cousas desgrenhadas
Que vestiram heróis de antiga história,

Passam, entre essa turba transitoria,
Cintilando como azas gorgeadas,
Lembranças cheias de perfume e glória,
Recordações suavíssimas, aladas.

É o vestigio da epoca infantil,
É o ingenuo perfume dêsse abril
Que é limpido e toante de cristal...

E como êle me encanta e alarga o peito,
; E me faz desprezar o «*homem feito*»
Com seus modos de eterno Carnaval!...

PRIMITIVO

Entre montanhas altas, culminantes,
Num ignorado vale, estreito e umbroso,
Fui encontrar, modesto, silencioso,
Um casalinho — casas alvejantes,

Parreiras de ferral, terras semeadas,
E poucas mais pertenças... Perguntei
A um dos velhos donos que encontrei:
¿ Que terras estariam repousadas

Para além dessas serras, que *país*?...
O velho respondeu que não sabia:
«Nunca fui vêr o que p'ra lá havia»

E pensei — ¡ felicissima ignorancia!
O Mundo é o seu casal, serena estancia.
¡ Que vida socegada e tão feliz!

A CORRENTE

I

Tarde de sol estivo. Resguardado
Sob fresca veladura de arvoredos,
Ouço da água o múrmuro segredo,
À margem dum ribeiro remansado.

De longe, de colinas derivado,
Corre trauteando um canto triste e ledos,
Sorrindo devagar, falando a medo,
Como o bamboar dos bosques ciciado.

Preso duma emoção, vaga, divina,
Digo ás águas que passam dôcemente
Ribeira abaixo, clara, cristalina...

Singela, ingenua, em pura liberdade,
Assim corresse a vida suavemente
Té sumir-se no mar da Eternidade.

II

Caricias dos perfumes, das aragens ;
Deliciosas caricias femininas ;
Não tendes o sabôr das vagas, finas
Blandicias destas aguas, destas margens.

Olha a idéia em dulcidas viagens
Levada nessas aguas diamantinas,
Como aromas de flôres peregrinas
Andam no ar em fulgidas romagens.

Ai eu estivesse aqui eternamente,
Ou fôsse como a limpida corrente,
Lisa, sem estorvos, toda a nossa vida...

Mas eis que poussa um tronco... e de repente
Corta-lhe o curso, e a agua, interrompida,
Lá segue a custo a cascatar dorida...

ENFADO

Já me correu a Vida alegre e bela,
A Ventura brilhou-me já, serena
Como luar por noute azul e amena
Após um dia escuro de procela.

A Vida que de sonhos se constela,
O Rir que se perfuma de verbena,
Já me entoou a alada cantilena
Feita de aroma e sons de filomela.

Mas hoje, despertar da Dôr aguda,
Tudo se me anuvía e se transmuda —
Dia inicial de tempos de invernada...

E vai-me aborrecendo fortemente
Essa vida de sonho resplendente
Como mulher depois de violada.

AUDACIA

! «Audacia, audacia!» com soberba gritam
Os audazes felizes, satisfeitos,
Que nunca perdem passos, pelos geitos,
Por mais doudos que sejam, se repitam.

A audacia é para a gente venturosa.
! Contra a forte maré p'ra que remar
Se não sorrir ao leme, a governar,
A Sorte — timoneira caprichosa?!...

Pois quando a Sorte um triste desampara
Nada lhe vale, mesmo a audacia rara.
Vêde quem nêsse mar se arrisca e afunda...

Uns vêm à tôna dessas aguas cérulas
Com as mãos cheias de corais e pérolas
E outros só trazem séba, vasa imunda.

¡ Como todo este mundo é falso ; quanto
De vil, postiço, em toda a sociedade !
Ai não me causa nem sequer piedade ;
Nauseas só ha no meu sombrio espanto.

E tudo d'ares sérios, graves... tanto
É o costume — ¡ ascosa seriedade !
A mim seu chôro causa hilariedade,
Sua alegria alvar causa-me pranto.

Olhai a mascarada torpe, lassa,
Já findo o entrudo, presa em plena praça...
¡ A violenta e mordaz tragi-comedia !

Emquanto freme a Luta ensanguentada
Passa o Riso agitando a guisalhada —
Ebriobobo senil dessa tragedia.

NO ENTERRO DO COSTA ALEGRE

I

Alegre, Alegre triste... o seu sorriso
Que nos lábios constante lhe pairava,
Lampejo que era palido e indeciso
Às vezes — ¡ que amargôr êle estilava !

Sorrir com que a si mesmo disfarçava...
Perdão mandado a custo para o riso
De mofa, eterno, que escutar julgava
E lhe partia todo o paraíso...

Quando, o sorrir gelado pela morte,
Mas descançando da hediondez da Sorte,
Vim de deixar-te á porta do jazigo,

Descia a noute, funebre, de rastros,
Semeando estrelas, como tu, Amigo —
Negro infeliz que irradiavas astros.

II

Esses alvares que, troçando o preto,
Como a negar-lhe o seu quinhão na Vida,
O julgam réprobo, alma resequida,
O julgam engeitado para o affecto,

¡ Quem lhes déra possuir a delicada
E fina flôr ideal do sentimento
Como possuía o teu vivaz talento,
Alma de artista morto na alvorada!

O corpo é nada, o coração é tudo...
O teu corpo era o escriptorio de veludo
De uma joia celeste, gema rara,

Preto gentil, meu malogrado poeta...
¡ Sabei, oh brancos d'alma hedionda e preta,
Que há pretos d'alma niveamente clara!...

Violencias, gritos, de combate e gloria ;
Prantos e máguas e esmorecimentos
De quem, vencido, cai nos poeirentos
Caminhos da derrota e da vitoria.

Ancias, desejos loucos, de serpente,
Com rubra febre e com loucura magna ;
Neumas lassas, desolação doente,
Da Posse desfructada, que se estagna.

A noute e a aurora ; a exploração em tudo ;
A Miseria e o Prazer de braço dado
Como *pierrots* pulhissimos de entrudo.

Marés-cheias fecundas, de roldão ;
Depois passividades de esmagado ;
Baixa-mares de lôdo e podridão...

RASTROS

De chofre, como rapido meteoro
Que risca as minhas noutes mal veladas,
Surtem faiscando e fogem apressadas
Cousas que mal compreendo e mal decoro.

Lembranças vagas a que em vão imploro
E estendo os braços... cousas apagadas,
Rastros de antigos prantos e risadas
Que debandaram em sombrio côro.

É como o lastro dessas caravelas,
Dantes povoadas, de enfunadas velas,
Em que embarquei á busca dos desejos...

Passa um perfume conhecido, vago —
; Aura de rôtos panos, velho afago,
Rastro de aroma, a idéia dos teus beijos!

ABYSSUS . . .

I

¡ Que força oculta arreda-me de Vós,
Que a mim proprio me traz surpreso e triste?!
Sinto-a, e não sei dizer em que consiste
Esta tristura que me deixa a sós.

Fugir ao Sol, para correr após
Atraz da luz... e que depois insiste
Por trocar-me a Alegria p'lo lemiste
De uma vida de penitencia atroz.

Ancear por vêl-A, têl-A ás mãos, largal-A...
Implorar-lha e furtar-me á sua fala —
Mal ouvida essa musica divina.

Em vez da saciedade arroubadora
A ancia de Tantaló, tôrva, leonina...
¡ Abismo que me atrae e me apavora!

II

Excentrico, dirá, triste, cismando
No meu amôr estranho e intervalado,
Na dúvida amargosa desesperando,
Sem achar o subtil significado.

Ponto interrogativo formidando
Lhe desenha o semblante aluarado;
Vejo-o, se acaso passo-lhe ao seu lado,
Ou mesmo sem que A veja—em si pensando.

Musa do meu desejo e meu enfado,
Eu mesmo, eu mesmo cuida não sabêr
A causa que nos turba o olhar maguado...

Mas... vêde — como vae a recolher
Do sol, forte demais, desapiedado,
Quem implorava ha pouco o seu prazer...

MAGRA

¡ Que deliciosa magra petulante !
Não sei quê de infantil e de divino
Junto a um tic de pecado e de felino
Tem o seu corpo agudo, algo cortante...

È celestial de placida, e, irritante,
Ao mesmo tempo, em vago desatino,
Morde-nos tôdo o seu corpito fino
Que eu desejara para minha amante.

Ao lado o esposo desta dôce-agreste
Grave e calado como a pedra bruta...
Lembra papoula junto de cipreste.

E enquanto eu, delirante, acho-a adoravel
O marido sombrio que a desfruta
Aborrecido julga-a detestavel.

DE PRETO

¡ Que aroma e luz no canto dessa fala !
¡ Que leite no primôr, fresco e gentil,
Da sua carne tenra, em que resvala
A custo uma aureoada côr subtil !

¡ Que encantadora graça juvenil
O seu corpo, suavissimo, trescala !
Toda de luto e séria... ave gracíl,
Puresa só, como um perfume, exala.

E no entanto que estímulo irritante
Em todo esse ar ; e quanto provocante
Grita no alvôr da pele sob o preto...

Rôla meiga, quizera o teu deleite,
E amar-te num amôr niveo de leite —
E com o escuro do brutal affecto.

MATERIAL

Disse-lhe um dia, triste, aborrecido:
Vamos amar um novo amôr suave
Que tenha o vaporoso, o indefinido,
Dos sonhos, na pureza duma nave...

Que a Vida não é só material,
E para suportar-se o humano exílio
Requer-se a paz e o gozo espiritual
Na ilusão azul de um vago idílio.

Amêmos, sim, também, sem as impuras
Ancias do Nú, sem sensuais loucuras...
E Ela, crendo provar que me entendia,

Emprestava mais fogo ao beijo ardente
E à carne palpitante e impudente —
¡Único amôr que a pobre conhecia!

FASES

Quando tocou meu halito ansiante
O teu corpo de flôr, a vez primeira,
Toda tremeste, como um viandante
Que se senta molhado a uma lareira.

Depois tivemos dias deliciosos,
Não em calma de lar, dôce, fagueira,
Mas uns dias de festa ruidosos,
Ardentes como rodas de fogueira.

Quando cotejo pensativo e meço
Esses tempos de então com o presente,
Todo escalvado e seco, vem-me á mente

Que foi como um incendio o nosso excesso...
Vê como a Vida agora é desolada —
Herdade núa, ardída, abandonada.

DESILUSÃO

Corpo de nenufar, que veludosos
Sonos, sonhos, prazeres incontáveis
Sustêve, nas cadencias embaláveis
Duma rêde dos tropicos radiosos ;

Corpo de flôr de estames setinosos,
Passeio dos meus beijos intindáveis ;
Viva estatua de curvas adoráveis ;
Planta rara d'aromas capitosos ;

Materia quasi espiritualisada
Pela minha paixão imponderada —
; Tanta a minha quimera, tanto o amôr!...

-- Que me recordas sempre, no entanto,
O fundo de miserias e de pranto
A vileza da carne e o seu horrôr.

VELANDO

Numa gruta da serra, tosca e estreita,
Enterra o asceta a lancinante Dôr
Que trouxera do mundo, do fervôr
Da tôrva Luta, ao crime e ao odio afeita...

Da cela uivam-lhe entanto ao derredor,
Os pecados horrendos que êle engeita,
A tempestade em coleras desfeita
E os lobos roucos num sinistro horrôr.

E o monge, silencioso, vai orando,
Ante o olhar da Virgem, protectora,
E lê, sereno, quasi dormitando...

Nesta desolação sê tu, Senhora,
Emquanto clama a Vida tempestuando,
A minha guarda amiga e animadôra.

IDEAL

Virgem que me sorris, aureolada
Qual uma Santa palida, suave,
Que toda eu julgo branca, imaculada,
Que toda eu creio simples como a ave ;

Mulher que eu modulei, divinizada
Pelo meu sonho glorioso e grave,
Que toda eu visto em roupa eterisada,
Numa soidão dulcissima de nave ;

Que sejas toda como te suponho ;
Que realises na Terra este meu sonho,
Celestial talvez, que não existe...

Que afague o teu amôr como um perfume,
Sem da luxuria as crispações e o lume...
Amôr que não me sirva o tédio triste.

MORTA

I

Repousa dôcemente a sua face clara,
E os lábios, palidos, sorriem contraídos
Ao leve—; quem dirá que a voz dos seus gemidos
No arranco derradeiro neles se estancára!

Seu parecer é calmo; é como se passasse
A trilar e a ruflar pelos lábios doridos
Sua Alma... e até aos céus, de alminhas embutidos,
Cantando em hinos, toda, toda lhe voasse.

Branca tranquilidade que tão bem contrasta
Com a minha amargura tenebrosa e vasta
— Julgo que dormes, sonhas, nessa suavidade.

¿ Ou esse teu sorrir é ironia leve
Por este mundo vil?... ; ¿ ou, quem sabe, descreve
Tua pena por mim, de enlevo e de piedade?!...

II

Cheio de mágua pungitiva e alanceadora,
Morta minha, eu bem sei que esse amêno sorriso
Que eu idealmente via, e natural diviso
Agora, é resto que ficou da tua aurora —

Rastro de luz astral da Mocidade louira,
Rastro de aroma findo... Eu já não idealiso,
Tanto a Dôr me enrudece; nem já o indeciso
Do aureo pó da Ilusão o mal me descolóra.

Cêdo se apagará esse ar tão sonhador
E horrenda ficarás como esta negra Dôr
Que me cadaverisa... ¡Aos ventos da floresta,

Às lágrimas da fonte, aos Céus, ao Mar, ao Mundo,
Entregarás a Graça assim como eu no fundo
Abandono de horrôr, a alma que me resta.

SAUDADE

Nas horas em que estou mais desolado,
E só, num sofrimento dolorido,
Ela, sincera, vem prestar-me ouvido;
Solícita demora-se ao meu lado.

Eu que busco estar só, e concentrado
Sofrer desejo, palido ferido,
Trago-a sempre a falar no seu sentido;
Não fujo a esse visitante amado.

E todavia Ela, cruelmente,
— Amavio que afaga e que envenena —
Muita vez me tortura impertinente...

¡ Saudade! amargue embora o teu agrado,
Eu te adoro, na tua voz serena
Enternecida de alma e de passado.

ANSIAS

Cançado, aborrecido do Prazer,
— Ambrosia que servem as Phrinês,
Labios morango, tunicas aos pés,
À mesa do banquete do Vivêr —

Senti rufar em mim um estranho sêr,
A compensar-me um tanto o atro revez —
Era a Alma, surgindo em morbidez,
Que me fizera a orgia adormecer...

Lancei-me em novos mundos, outros gosos,
Cousas espirituais, ideais radiosos,
Feitos de Sonhos do Imponderavel...

Hoje, ¡Deus meu!, — tantalico tormento —
Mais que o antigo, tedioso sofrimento,
Doe-me esta ansia esteril do Impalpavel!

SIMPLES

Invejo-te, mulher ingenua e ignara
Que podes Crêr, que vives d'Ilusão —
Eu que há muito descí dêsse balcão
Que pelos céus adentro levantára...

A essa torre d'ónix regressára,
Mas, ai, a amarga e rispida Rasão
Há muito que, minaz, prostrou no chão
Esse mirante ideal que eu tanto amára.

Fôsse eu assim, mulher serena e crente,
Cega que vês, céguinha conformada ;
E orar soubesse como antigamente,

E como tu, sofrendo esperançada,
Crêr que além desta vida pestilente
Ha outra Vida, rútila, sagrada.

FELIX UMBRA

Feliz, bemdito o escuro sem lanterna,
Feliz de quem não estuda e nunca pensa
Nesta sêde febril que traz suspensa
E ralada de Dôr a alma hodierna...

Bem dita a Ignorancia — atra caverna
Em que se vive placido, com Crença...
Viva-se embora por negrura imensa,
Bem dita a noute sem luar, eterna!

O mal de conhecer dá muita luz
Mas não aquela que verteu Jesus,
Antes outra que ferve até escaldar.

Severa, arruina e põe tudo sepulto,
Mas não nos dá em troca um novo culto
A nós que precisamos de adorar.

PRESENTIMENTO

Às vezes, sem motivo, de repente,
Descáio a cogitar sombrio e triste
Numa abstracção escura e impertinente
Que não sei explicar em que consiste...

Dá-me a beber um travo acre e dolente
Que móe o corpo e a que ele não resiste;
Quero-me só, fugido ao mundo e à gente
Que só no ignobil Mal sempre persiste.

Subitamente, absorto a meditar,
Sinto vontade imensa de chorar
Numa onda que sobe num lamento...

E choro, e ignoro a origem do sofrer...
! Vago temôr do que virei a ser?!
Talvez, quem sabe, um máu presentimento...

À CHUVA

Dá a minha janela para a Praia ;
Por toda ela estendo, ansiado, a vista
Seguindo em todo o comprimento a lista
Que o gaz, em fila, desenrola e espraia.

O vento e a chuva aumenta e a noute entrista
E ao vento o gaz tremelicante esmaia
E ao longe um côro de pavôr ensaia
O mar, numa tormenta já prevista.

Fatigado, procuro algum descanso ;
E a cabeça, escaldando em febre intensa,
É núa — à ventania a entrego e lanço.

E faz-me bem, consola aquele fresco ;
Mas como a noute, num lutar dantesco,
Meu cérebro não pára e freme e pensa...

AMBIÇÃO

Que multidão de idéas, febrilmente,
Esta cabeça gera e rúe ansiosa,
Em ansia de subir encandecente
Que me alegre e entristece tumultuosa.

Sonho Alhambras de ogivas côm de rosa
Constrúo ideais de gosto transcendente,
Que desabam depressa em pavorosa
Cena de cataclismo irreverente.

Por vezes sinto a alma desolada
Como ave, na gaiola acostumada,
Incapaz de voar ao largo e bem...

Mas novamente surge a alada crença,
Volta-me a febre sonhadora e intensa...
¡Feliz daquele que ambições não tem!

À FELICIDADE

I

Pelo espaço fazia treva densa,
Noite completa, noite tenebrosa ;
Ao fundo dessa escuridão imensa
Vi acender-se, subito, radiosa,

Uma estrelante luz resplendorosa
Como gôta de sol, subtil, suspensa,
Em fresta de enxovia lenta e odiosa —
Caverna sepultada em treva intensa.

E o luzeiro aumentava de volume,
A titilar em sorrisonho lume,
Como a palpebra à luz quando se acorda...

Farol de torre, alentadora estrela,
Guia do nauta, em noites de procela,
Que nem sempre, nem sempre, a terra aborda.

II

Interroguei meu sonho torturado
Olhando a Luz: ¿ que Luz será aquela
Que me fala de longe, como vela
A alguém que espera sôbre o cais, ansiado?...

E soube que era o rútilo e encantado
Palacio da Fortuna, a Bôa-Estrela,
A castelã ideal, cristã pucela,
Que tanto peito traz apaixonado.

Puz-me logo a caminho; e com paixão,
Como fiel buscando a Promissão,
Esse Astro cada vez mais me sorria...

Mas, como toda a luz por noite escura
Par'cendo perto, esse Astro da Ventura
Quanto mais eu andava mais fugia...

III

Eu hoje rio-me afinal lembrando
A minha antiga e estulta ingenuidade ;
Admiro-me de quanto, viandando,
Busquei celestial Felicidade.

Como criança, que a sorrir, pulando,
Pensasse em apanhar a claridade
De um astro como colhe o lume brando
De um pirilampo em mansa liberdade,

Atravessei estradas desolantes,
Tive noutes de errados navegantes
Para colher a vária formosura...

¡ Ai daquele que busca a sua vista !
Essa Graça irial não se conquista,
É Ela, casual, quem nos procura.

A VERDADE

Num esforço heroico, d'entre a ruinação
Das mortas ilusões despedaçadas
Saí para voltar às estacadas
Da Luta, com denodo e galhardia.

Luzia a adarga clara de alvoradas
E o meu corcel fouveiro que corria
Veloz, num galopar de ventania,
Tinha as côres do sol afogueadas.

«j Em nome da verdade!» assim bradava,
Campos afóra, audaz, pisando a relva
Da campina que à liça me levava.

Nisto, uma voz de estranha gravidade
Gritou da sombra de visinha selva :
— j Cavaleiro, dizei: de qual verdade?!

VIDA E MORTE

Esplende o sol lá fóra, e todavia
Sobre mim pesa um tempo nevoento ;
A morrinha do tédio — ¡ na agonia ! —
Estila gôta a gôta o desalento.

Como atravez de velho pavimento
A humidade reçumando fria,
O nervosismo do aborrecimento
Se escôa e todo me repassa e esfria.

Quem me déra viver bem isolado,
— ¡ Quem possa atenda este meu ansiado ! —
A Pena longe, ao largo foragida...

Pois se isto é que é a Vida — Vida-Morte,
Ha de haver outra que por fim conforte...
E eu quero ess'outra, eu quero a Morte-Vida.

SILENCIO

Silencio — companheiro eterno dos Ascetas ;
Lago da Paz, em que só almas leves, puras,
Deslisam . . . alvo, como as lídimas venturas,
Sôis, e não, como dizem, de roupagens pretas.

A Casa de Saúde das brutais agruras
Mundanas . . . Tuas falas, placidas, secretas,
São como o Sonho, a Morte, as místicas doçuras . . .
; Conviva taciturno e amigo dos Poetas !

Quem te procura, quem se afaz ao teu convívio,
; Oh fonte da Pureza ! ; oh arvore do Alívio !
Até saber-te a voz e a tua erudição.

Quási adivinha . . . Morre . . . ; oh forma do sonhar !
O Verbo é uma incerteza eterna a atraíçoar . . .
E o ruído da Idéia abafa-te a lição ! . . .

CREPUSCULAR

Vai resvalando dôce, dôcemente,
Numa graça esmaiada e fugidía,
A luz do claro e rutilante dia
Ainda há pouco envolto em sol ardente.

Descai e tomba o sol plàcidamente
Sôbre o lago do mar em calmaria,
Que tem o tom de flácida agonia
Desses que esperam dele eternamente...

Depois da luta afogueada, intensa,
Ir repousar, em resignada crença,
Num largo leito de doçura e alento...

Meu coração, meu triste, já tu fôsses
No ocaso, morto, entre uns responsos dôces
A enterrar num mar de esquecimento.

BOCAGE

A MÃI DE BOCAGE

Era poeta o pai, e porque o era
Sabia quanto a vida fere mais
Os que teimam viver numa atmosfera
Só feita de áureos sonhos siderais.

Magistrado também, êle modera
Na prática os seus vãos de ideais,
E a arder prevendo o filho na Químera
Tenta apagar-lha aos primevos sinais.

A mãe, de orgulho santo e de alma culta,
Muito ao contrário, com o filho exulta...
E é sob a sua asa e incitamento

Que o génio de Bocage empluma e enflora
(Queimado de infortúnio muito embora)
E se libra no eterno firmamento.

A SUA VIDA

No seu corpo tão fragil quanta vida,
Cheia de luz, cheia de força ingente!
Luz que cegava e que inda cega a gente...
Força que a todos leva de vencida...

Foi-lhe a curta existencia uma comprida
Vida de luta, e embora o Amôr florente
E a Gloria lhe sorrisse ternamente,
Foi-lhe penosa estrada dolorida...

Seu genio impetuoso de inspirado,
Que o fez tão grande e tão inf'liz o fez,
Minou-lhe o debil corpo arrebatado.

Ramo florindo em flamas muita vez,
Ramo que pela Morte desfolhado
Todo em perfume, em alma, se desfez...

A SUA OBRA

Quando folheio a obra prodigiosa
Da sua Musa triunfaí de Eleito,
No verso branco, modelar, perfeito,
Ou no cantar da rima sonora.

Se enleva a graça idílica e amorosa,
Seu estro arrasta quando em ondas feito,
Como corrente que perdeu o leito
E vai cantando e subjugando irosa.

Depois aparta as aguas, doma, enfreia,
Sem lhes turvar o cristalino aspecto...
Joeira o oiro que conduz a areia...

Funde num jacto... e, para ser completo,
Em perolas engasta e fecha a ideia,
E mostra, assim, a joia do *Soneto*.

Ô REPENTISTA

Quando te ergues na luta, bravejando,
Lembras aguias que pairam muito alto
E, vendo a presa, rapidas, dum salto,
Caem na terra a pobre destroçando.

Assim, Elmano, assim tu eras quando
(Vencedor de piedade às vezes falto)
Medias o inimigo, e em féro assalto
Ias-lhe o crâneo ôco debicando...

Entre a turba, de aplausos excessivos,
Deslumbra-te e embriaga a propria chama...
Assombra a tua voz os mais esquivos.

Jove troveja e tímido se inflama!
Cascalham risos férvidos, lascivos...
Sai-te das mãos em oiro a propria lama!

.....
Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.
.....

Bocage

«Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!»

Bocage

Elmano, Elmano, de poder tão forte,
O triste fado que arrastaste em vida
Persegue a tua fama merecida,
Acompanhou-te ainda além da morte.

Torna a atacar-te *Elmiro* e a mais cohorte
(Vendo-te a obra encomiada e lida!...)
Depois que a Parca, enfim compadecida,
Poz termo à tua tormentosa sorte.

Morde-te ainda a sombra o dente humano...
E a propria Fama, a que no vulgo corre,
Fez-te o exclusivo autor jocoso e insano

De quanta vasa o anonimato escorre...
Mas com o pior, *que é teu*, teu genio Elmano
De tudo triunfa, não morreu nem morre!

«Lendo os teus versos, numeroso Elmano
.....»

Filinto Elysis

Quando te leio, extatico, embalado
Na musica divina do teu canto,
Não sei que mais me absorva, se o encanto...
Se a pêna de eu me vêr tão apoucado...

Dôce cantôr de *Armia* inegalado ;
Orfeu tangendo a um tempo o riso e o pranto ;
De numerosa, acende o goso e o espanto
Tua potente voz de iluminado.

Perdôa ao teu cantôr ; deixa aos poetastros
Que celebrem tambem tua realeza.
Não só os rouxinoes louvam os astros...

Não vibra o som apenas da grandeza ;
Tambem o ralo grita... entra, de rastros,
No concerto geral da Natureza.



DIRCÊO

A CASA DE MARILIA

Lá em baixo, na varzea verdejante,
Naquela casa alvissima, modesta,
É que «Marília bela», a rosa honesta,
Sonhava à luz da tarde vacilante.

Desta casa, que intacta ainda resta,
Pela rampa a rolar o olhar ansiante,
Dircêo buscava ver o seu semblante,
Sua figura de estrelada festa...

Se voltasses, Dircêo, tu sofrerias,
Mais que o castigo às falsas rebeldias,
Este escarneo, esta sátira pungente:

Onde Marília foi amada e amou
A vida indiferente e má passou
Frades em bando vivem fartamente...

Séria verdade, ou lenda entretecida
Por mãos de estranho gôsto delicado,
Dá-nos Dircêo em femenina lida
Um vestido bordando de noivado...

Os seus dedos afeitos ao cuidado
De entretecer da Musa o oiro florido,
Tecem em fina seda a oiro esfiado
De um corpo airoso o esplendido vestido.

Para Marília êle é, e para si
A forma desenhada dos amores,
Para o seu corpo noivo que sorri.

E enquanto assim Dircêo sonha e trabalha
Tecem-lhe outros — grosseiros tecedores —
A alva para o martirio ou a mortalha.

JARDIM DAS
OLIVEIRAS

Viver: fruir a vida descuidada
Das crianças gentis, dos inferiores...
E a linda vida efémera das flores
Sob as mãos de mããs acarinhadas...

Existencias das rosas cultivadas
Curtas sim, mas de límpidos primores,
A simples vida alada dos cantores
Nas árvores floridas e copadas...

Não esta vida extensa e aborrecida,
Este ciclo complexo e doloroso
De triunfos e luta e intransigencias!...

O fatal sonho duma e doutra vida:
De menos tendo duma o ingénuo goso
De mais da outra as tôrvas violencias!

Construir, pouco a pouco, um edificio,
Em que se pôs, febril, todo o cuidado,
Desde o cabouco, o seu brutal início,
Até que aos ares seja alevantado ;

Com ânsia — e quanta vez com que suplício! —
Vê-lo crescer, subir, empavezado...
Gôso é sombrio e lento sacrificio
Para o mais calmo ou mais acostumado.

Vê-lo olhar por cem olhos : cem janelas,
E cem portas abrindo par em par,
E flechas e torreões, rente às estrelas...

E depois vê-lo, próximo a habitar,
Por janelas e portas, todas elas,
O fogo, com mil línguas, a lavar...

ESPIRITISMO

Se ao grande Carlos Quinto aprouve a gloria
De ter em vida exequias sumptuarias,
Dele não tendo a portentosa historia,
Temos, vivendo, pompas mortuarias.

Ganhamos das Vitórias a Vitória
Essa que (das terrenas alimarias
Sem nos despir a forma transitoria)
Nos levanta às poeiras estelarias.

Vivemos neste mundo e não vivemos...
Na terra, e já fruimos os supremos
Gosos da nebulose espiritual...

O que em nós age é pouco mais que sombra,
— Sombra que não faz sombra e não assombra —
A fazer o seu proprio funeral.

PROMISSÃO À VISTA

Nesta inconstancia doida que é a Vida,
— Pêndula sempre andando mas sem regra —
Enterramos os pés em vasa negra
Ou movediça areia enegrecida...

Há uma tenda de sonho ao alto erguida,
Alvorejada a sons de toutinegra?!...
É para que a Ilusão que nos alegra
Nos desabe mais áspera e dorida.

Caminhamos... Escapa-nos o passo...
Cheios de fé mas cheios de cansaço,
Caminhamos... que a sorte não espera.

E é ainda a sonhar que é perto o porto
Que olhamos, de olhar murcho e o passo morto,
A Promissão distante da Quimera.

RESPOSTA

Atravessei a vida como um crente
E como crente amei, apaixonado,
Angustias padeci, e revoltado
Raivei, fremi, em cólera candente.

Mandaste que me risse irreverente...
«Que é na calma do forte abroquelado,
Com sangue frio e riso frio e alado
Que se triunfa... e vive alegremente.»

Exp'rimentei, ao teu sob'rano rogo,
Na soberba diluindo todo o fogo
E no desdem matando os desesperos...

Ou fraco ou forte... Ó meu Amor perdôa!
Deixa que eu volte à vida ingénua e boa:
À inquieta vida em luta dos sinceros!

DEPOIS DA LUTA

É preciso cantar essa campanha
Que ardendo pelejámos, noite e dia,
Pois que o triunfo, por ventura estranha,
Já nos compensa as horas de agonia.

É mistér celebrar toda a façanha
Do nosso heróico empenho e rebeldia
Que em factos já germina e desentranha
Em vida e em luz que aos jorros alumia!

Cantem outros a Aurora, e os mais audazes
No seu vigor alegre de rapazes
Na construção trabalhem do Futuro!

Eu lembrarei, já de cansados anos,
O que também colhi em desenganos...
Que a manhã não varreu todo o monturo!

O Prazer, por maior, é breve instante
Nesta vida somente em que perdura
O atrito, a mágua, a dôr... É a Amargura
A nossa companheira mais constante.

Quando muito é aurora dealbante
Abrindo o dia rude e a noite escura,
Flôr ou sorriso em froixa comissura
Que se desfolha a um sopro tremulante.

Dizem que ha gente de viver risonho
O Prazer desfrutando intensamente,
Com cem janelas que olham para o Sonho...

Resta saber se todas, em verdade,
Valem por uma porta unicamente
Que se abra, uma só vez, à Realidade.

SEARA DE PEDRAS

O pouco *mal* que hei feito se compensa
No *bem* que procurei sempre espalhar...
Como todo o que busca endireitar
O mundo, o *mal* só tive em recompensa.

O campo agreste do erro e da descrença
Às mãos cheias semeei, puz-me a lavar...
Sem que prémios quizesse enceleirar,
Só vi o *mal* que torvo se condensa.

Semente má? Defeito meu sómente?
Ou do solo que tojos só consente?!...
Dessas terras, certo é, por mim lavradas,

Em vez de fruto e flor, searas de pão,
Só pedrouços colhi de ingratidão,
E as espigas que geram dão pedradas.

SÓ APARENCIA

Feliz de quem, tranquilo e silencioso,
Pode vencer as sarças dos caminhos;
Ou, soberbo, pisando desdenhoso,
Embora os pés sangrando nos espinhos;

Ou, sereno, arredando-as cauteloso,
Como se fôsem flores os maninhos!...
Feliz — dizeis — do calmo ou do orgulhoso
Que vai domando os chãos hostis, daninhos...

Mas abri-lhes o peito, ao fim da lida,
E lá dentro vereis quanta ferida
Lhes vincaram com força as caminhadas...

Para rir ou ter calma, na apparencia,
Quantas vezes se sofre! — e da violencia
Ficam as nódoas mal cicatrizadas.

JULGA POR TI

Eu não me julgo um bom... Por mais que o queira,
Não consigo afinar minha bondade
Pela consciencia do *eu*, pela vontade,
A todo o estigma e tara sobranceira.

E porque assim me vejo, em tal maneira
Eu hei-de ver nos mais toda a maldade
Com os olhos serenos da piedade
E não de face austera e justiceira.

Reconheço meus males e defeitos,
Que em vão sacudo, e pezam por castigo
De não sei que avatar, ou crime antigo...

Mas ante outros tão máus, mais imperfeitos,
Dou graças inda aos céus, agradecido
Por, acaso, não ter assim nascido.

Para quê tanta luta em públicas arenas
Em que fazemos nós de feras e beluários,
Como em circo de Roma as barbaras geenas,
Sem destes ter sequer grandezas de cenarios?

Para quê tal furor sob os doces velarios
De ingenuas opiniões, em truculentas cenas
Entrechocando raiva em torno dos sacrarios
Em que resistem mal as ilusões serenas?...

Para quê o combate atroz do pensamento
Se é sempre a mesma coisa heróica e vã, dorida,
Se é a mesma desgraça, se é o mesmo lamento,

Que se esconde na luta e nas formas que passam?
Para quê o horror vácuo e triste da vida
E das almas tambem que as lutas despedaçam?...

Tua alma que é conscientemente boa
Há-de ouvir, há-de ler estes meus versos
Numa desoladora pena imersos...
Eu sei já que tua alma me perdôa!

Não foram feitos, todavia, à tôa,
Como outros carmes—tantos!—meus, dispersos...
Sopraram-nos os ares mais adversos
Numa tristonha e estúpida garôa.

Antes os impelisse uma rajada
Que em fúria por momentos me agitasse
Do que este froixo tédio em que me vês...

E, claro céu depois da trovoada,
Ao que já fui depressa regressasse,
E novamente eu fosse o que tu és.

AMOR...

Amo-te, mesmo quero-te com ânsia ;
No entanto o que de mim tu pensarás !
Que — nem eu sei ! — já sou um incapaz
E tudo em mim não passa de jactancia.

Porque era demasiada a exuberancia,
Quis espiritualisá-la em doce paz
De quem vendo uma flor que se desfaz
Cauto e ao de leve aspira-lhe a fragancia.

Eu quero que este amor... — florido ramo —
Mesmo porque te adoro muito e amo
Não morra às minhas mãos, a desfolhá-lo...

Prefiro mesmo que outros o desfolhem,
E quando já de tédio o engeitem e olhem,
Ainda eu esteja a vê-lo e a cubicá-lo.

BEIJOS

I

Cantei os beijos vários dulçorosos
Que estrada fora dei e recebi,
Os vários, doces, beijos deliciosos
Razão de ser da vida que vivi.

Por isso, esses meus beijos venturosos
Cantavam a Ventura já por si;
E até, por vezes, eram mais gostosos
Quando sofria — o muito que sofri!

Eram da Vida gôso e lenimento:
Sobremesa da Vida banqueteadada
Ou lenitivo à dor e sentimento.

Frutos caídos, hoje, ao chão da estrada,
Falta-lhes seiva para mantimento,
E, pôdres, não me sabem já a nada!

II

Santificados e suaves beijos
Permutados na tenra e ingénua infancia,
(Tão longe vai nas névoas da distancia !)
Nessa quadra de trémulos adejos...

Beijos de amor, de tóxica fragancia,
Pantanosos, de febre, como os brejos...
Adoçados depois, calmos desejos,
No lar criado com divina ânsia...

Voto à Vida ódio tal, tanta aversão,
Que penso, oh Mãe, que os beijos que me deste
Antes me fossem dados num caixão...

E com horror me lembro, horror profundo,
Dos beijos que, Mulher, tu recebeste
Para atirar dois filhos para o mundo !

AOS FILHOS

Já que foram gerados, e viveram
(Antes, que nestes transe os lançámos)
Nos cuidados com que ambos os esperámos
Da vida primitiva que tiveram ;

Visto que neste mundo apareceram
Bem alegres e sãos como os sonhámos,
Bem infantis medraram e cresceram
E os seus primeiros passos ensaiámos...

Que vivam, vivam muito, e laboriosos
Pleitos em que entrem sejam bonançosos,
E a Vida sempre doce claridade...

E sendo sempre bons, mesmo infelizes,
Nunca demais profundem as raizes...
Que o Mundo é largo e é larga a Humanidade!

MEUS PAIS

Já se me foram ambos desta Vida,
Na qual em horas doces me lançaram
E que em maré aziaga se tornaram
Por designios estranhos compelida.

Eles — dois justos! — desta insana lida
Os meus primeiros passos ensinaram,
Que se melhores não foram, não pisaram,
Só a culpa a mim seja atribuída...

Na tristeza em que estou, de padecente,
A dôr maior que me lancina fundo
É de ter, longe, de os chorar ausente;

A Eles que abençoando se extinguíram
E recebendo-me ao chegar ao mundo,
Não me acharam à hora em que partiram...

Tu vais e eu fico... Uma outra despedida
Vai cruel e de novo separar-nos;
A esta hora cem vezes repetida
Não poderemos nunca acostumar-nos.

Excéccional momento o da partida!...
O olhar enxuto embora, vem banhar-nos
Um chôro mais copioso a alma tranzida,
Que mais nos liga em vez de desligar-nos

E como iguais sofremos, nos amamos,
Uma troca nos salva do perigo,
De tanto que um ao outro os apertamos:

Tu vais, e fica o coração que é teu,
(Ganhei na troca, e sinto-o já comigo!)

Eu fico e vai contigo o que era meu.

Da minha casa a rétaguarda espreita
Para um dêstes bairros miseráveis
Cujas ruas e casas detestáveis
O aceio ignora e a geometria engeita.

São formas, aos montões, inextrincáveis,
Em que uma vida, de fealdades feita,
(Mais que à pobreza e que à tristeza afeita)
Enxameia em casebres execráveis.

Pois uma *páscoa* descobri-lhe agora,
Ao meio ; esvelta e rútila se enflora
Na florada mais linda e sorridente...

Nós temos todos, entre a feia lida,
Por mais tristonha que nos passe a vida,
Uma *páscoa* a florir na nossa frente.

MAGNÓLIAS

Sombreiam filas d'árvores, adornam,
Alamedam as ruas, — parque ou urbe...
Sem ruído que as distraia ou as perturbe,
Suas florentes ânforas se entornam...

Prevalecem, entre outras, as magnólias,
Todas de branco ou todas amarelas:
Umas de lua, outras flavas de estrelas,
Ao sol abrindo e às musicas eólias.

Aos seus compassos lentos, ondulantes,
Andam cantando e rindo esses olores:
Silfos que bailam, asas distendendo...

Incensos sobre brasas escaldantes...
Falenas loucas de invisíveis côres...
Espumas expirando e renascendo...

Todas as noites passo ali, de volta a casa,
E dou com este quadro, inalteravelmente :
Na mesa um bule espera, a fumar, em frente,
Sob um abafador de protetora asa.

Sem já seguir sequer a espiã, indiferente,
Ele, calado, chupa o seu cachimbo em braza ;
Ela, cuja velhice ainda pouco arraza,
Sem oculos costura, acurvada e paciente . . .

E ponho-me a cismar, adivinhar querendo
Atravez de tal quadro a sua historia toda :
É-lhes feliz a vida, assim, que vão vivendo.

Mas que tristeza, entanto, e que vazio em roda !
Filhos tiveram, sim, mas foram-lhes morrendo . . .
E filhos não lhes dá a sua nova bôda.

NOITE TRISTE

Noit'alta. Quebra a solidão apenas
Ligeiro ramalhar das ramarias...
Cavas e subitas melancolias
Sopram-me na alma um ramalhar de penas...

Raras passadas passam nas serenas
E mortas ruas de árvores sombrias...
Com luz, ao longe, as minhas gelosias
Hão-de parecer os olhos das hienas...

Ouçó, na funda noute diminuidas,
Trovas que arrastam bocas divertidas,
Cantos teimando em serem alegrados...

Mas na noturna e pávida tristeza,
Da noite na pasmada profundeza,
Lembram canções de grandes desgraçados.

CANTANDO

I

Sobre a noite, de crepes derramada,
Minha janela em fogo se debruça,
Vem da noite, de estrelas mal picada,
Um som cavo que chora e que soluça...

Há muito dorme a urbe socegada
E na mudez mais sepulcral se embuça;
Visse-me ela, à janela iluminada
Em que penso, e a espertina se me aguça!...

Para ser mais do sonho em que divago...
A escandalosa luz do quarto apago
E fico em treva, olhando a treva em fóra.

E a voz que por instantes se calara
— Talvez só porque vissem que eu espiara —
Mais soluça à vontade e geme agora...

II

Voz sinistra cantando em bárbara toada,
Com versos talvez de hoje e que queiram sorrir,
E se falam de amor é d'alma atraçoada
E ferida, gemendo após o ódio explodir...

Voz oleosa que enerva, e na noite empastada
É nódoa que se vê a alastrar-se e a diluir...
Por vezes de tal modo arrasta-se, apagada,
Que lembra em gargalheira um grito a sucumbir...

Cantará, sem saber, uns antigos agravos,
Mais que dissimulando as pênas d'hoje em dia...
Inconsciente em seu tom é sempre a voz de escravos...

Libertos, livres não!... Cantata da Desgraça,
Dizes nessa indolencia e chã melancolia
— Tudo o que é e o que foi — a história duma raça.

DIA DE CHUVA EM OIRO PRETO

Impossível sair... A chuva interminável
Despenha-se e cachôa, em golfadas, salseiros;
Gorgoleja na rua e por desfiladeiros,
Por toda a parte canta e tomba, inexorável.

A cerração apaga os cônes dos outeiros
Com sua igreja ao tampo — a igreja inevitável —
E é a névoa que adoça e torna quási amável
A irritante canção dos contínuos chuveiros...

Melancólica, a chuva as almas narcotisa
E o cinzeiral da névoa alvacenta, indecisa,
As coisas cobre... é cal, é mortalha, um momento...

Em vão resistes, urbe, aos que querem matar-te...
Em dilúvio de tédio vaes a despenhar-te
Comigo, a resvalar para o aniquilamento...

A MÃI DE BOCAGE

Era poeta o pai, e porque o era
Sabia quanto a vida fere mais
Os que teimam viver numa atmosfera
Só feita de áureos sonhos siderais.

Magistrado também, êle modera
Na prática os seus vãos de ideais,
E a arder prevendo o filho na Quimera
Tenta apagar-lha aos primevos sinais.

A mãe, de orgulho santo e de alma culta,
Muito ao contrário, com o filho exulta...
E é sob a sua asa e incitamento

Que o génio de Bocage empluma e enflora
(Queimado de infortúnio muito embora)
E se libra no eterno firmamento.

TERRA MATER

PROTECÇÃO

Na chapada de argila dum outeiro
Que é sobranceiro
Ao rio, que marulha e corre lento,
Vela, com suas velas e seus mastros,
De dia e noite, à vária luz dos astros,
Um moïno de vento.

Passam-lhe em baixo, na enseada, aos pés,
Na corrente das auras e marés,
Barcos de pesca e barcos de marear.
E as velas do moïno trabalhando
— Roda de fogo-prêso rodopiando —
Andam sempre a girar, sempre a rodar.

Os seus panos cansados de gemer
E de moer,
Numa ronda monótona e cantada,
Ao mesmo corpo, à mesma casa prêsa,
Dizem cheios de inveja e de tristeza
Para os barcos na rota costumada :

«Velas felizes que passaes libertas,
«Podeis, asas abertas,
«Aventurosas asas, navegar!
«Enquanto, sempre as mesmas, nós giramos
«Buscando o vento, no eixo mal voltamos,
«Neste mesmo lugar...»

E as velas das canôas caminhando,
As queixas escutando,
Dizem no seu bater ao vento forte:
«Tambem dos homens sômos prisioneiras,
«E bem mais rijas são nossas canseiras...
«Ai quem nos dera a nós a vossa sorte!

«Em terra firme, irmãs, mal conheceis
«Os vendavais crueis!...
«Perdidas, quanta vez, longe do mundo,
«Não nos fustiga só o vento irado...
«As ondas batem-nos do mar salgado...
«E o mar alto é tão largo e tão profundo!...

E dos barcos, por sua vez, as velas,
Por jornadas de sol ou de procelas,
Dizem às aves que ao alto vão, em bando:
«Bentas velas as vossas, livres panos,
«Que sobre continentes e oceanos
«Vos vão levando!»

E as aves, que isto escutam, doloridas,
Respondem: «Quem nos déra as vossas vidas!
«Maior que a terra e o mar
«É o deserto vácuo dêste espaço...
«Ai quanto o exílio doi, doi o cansaço,
«Sem ter onde pousar!...»

O TRIGO

I

Na baixa camposa
(Que é árida e nua)
O chão levantando,
O chão preparando,
Se arrasta morosa,
Caminha a charrua,
Arando,
Lavrando.

II

Na glória do dia,
Aos campos lavrados
(Num gesto que enleia)
O grão, à mão-cheia,
O homem confia,
O trigo aos punhados
Espalha
Semeia.

III

P'ra não ficar solto
No campo indif'rente
O grão que arremessa,
A grade atravessa
O solo revolto...
E a leve semente
Enterra
Depressa.

IV

Refresque-a a chuvada,
O sol a conforto,
Do tempo aos boléus
Do alto dos céus!...
A seara é confiada
Aos transes da sorte,
À graça
De Deus!

E assim vão-se meses
De inteiro abandono,
E o grão repousado,
Na geira enterrado,
(Quem sabe os revezes!?)...
Dormita num sôno
Profundo,
Sagrado.

Porêm a semente,
Na calma profunda,
No ventre que a aquece,
Germina, entumece...
Da morte aparente,
 Irrompe,
 Aparece!

V

Primeiro desponta
Humilde, receosa,
Qual herva pobrinha...
Depois, direitinha,
Os ares aponta
Na aste graciosa,
 Fininha,
 Verdinha.

E assim ela cresce,
A seara se lança ;
E assim verdejando,
Às brisas vergando,
De longe parece
Um mar de esperança
 Cantando,
 Ondeando...

VI

Que a assalte a desdita
Não tarda, porêm :
Por entre a verdura
Da basta espessura
Surge o parasita...
— Sugar sempre o *bem*,
O ócio
Procura!...

De rastros, nas leivas,
Há gramas minazes,
Mil ervas danosas
Minando insidiosas,
Chupando-lhes seivas
Com garras tenazes,
Com bocas
Gulosas.

E já muito ás claras
Nuns tons insolentes,
Vozeiam lampeiras,
Desfraldam bandeiras,
Em plenas searas,
Nas messes crescentes,
Papoulas
Guerreiras!

Mas *tropas* já marcham
Em ares marciais :
Mulheres, em bando,
Combatem cantando...
Por entre os trigais
Airosas se abaixam
Lutando...
Mondando.

VII

Já, úbere amiga,
Da aste orgulhosa
(Qual couto de lança)
No tope balança
A próspera espiga :
— Bandeira gloriôsa...
— Sinal
De abastança !

VIII

Ao fogo que a aquece
A côr verde-mar
Aos poucos mudou,
Já se amarelou...
Agora aloirece...
— De tanto a beijar,
O sol
A doirou !

E assim vai medrando...
A seara amadura,
À chuva regada,
Ao sol fecundada...
Aos ventos ondeando,
É mar de fartura
Sorrindo...
Doirada!

IX

Escalda o verão...
A espiga, já grada,
A messe já feita,
(Há pouco direita)
Se inclina pró chão,
De muito pejada...
— Promete
Colheita!...

X

Ceifeiras jocundas
Quais dias de verão,
Ceifeiras, lidai!
A messe cortai!
— Ó Ceres fecundas,
De foice na mão
Segai!
Ceifai!

Que as máquinas lidem
Nos plainos à solta!...
Nas serras redondas
E escarpas às ondas
Só elas decidem,
Só elas dão volta,
 Nas ceifas,
 Nas mondas...

O trigo às mãos cheias
(Antes que arrefeça)
Vá de despachar
E toca a enfeixar...
As loiras paveias,
E os molhos, depressa
 Juntar!
 Atar!

Que dôr há sofrido!
Que infinda canseira!
P'ra sêr debulhado
O trigo é levado;
Lá vai para a eira...
— O pobre é batido,
 Trilhado,
 Malhado.

No espaço sereno,
Ao sol refervente,
O bago da messe
Emfim aparece
Doirado e moreno...
Divina semente
Triunfa!
— Esplendece!

A VINHA

De rojo, à superficie,
Seja pela planície
Desafogada e vasta,
Ou seja pelos cerros e alcantis,
Como os reptis se alastra e arrasta...

Rompeu-lhe o corpo — a cêpa informe e tôsca —
Logo aleijado ;
Depois todo se torce e dobra e enrosca,
Ofidio rastejando disfarçado.

Assim nasceu mal ageitada e rude
E vive e medra assim — quando desnuda —
Contorcionada e de doridos ares
Em que há, ao mesmo tempo, riso e esgares...

Raro subindo, em muros, nas latadas,
Raro trepando ao alto de alpendradas
Parreiras,
Cólo no chão,
Mordendo o chão,
De rôjo,
Crescem e enfolham
As humildes videiras.

E as vides vem em turba-multa,
De astes esguias, astes suplicantes
Que se intrincam e torcem, ansiantes,
Como quem só na dôr se alenta e exulta.
E como não bastando o excesso de nascençz,
A contorsão de dôr da natureza imensa,
Logo vem o sofrer dolorido das podas
Amputando e cortando-as quási todas...

E outros braços renascem, e carregam, rebentam,
De borbôtos e folhas, de afogada fartura,
De uma tenra frescura.
E na côr, e na forma, no esconder da desgraça,
Da violencia que em gestos despedaça,
Já suavidade passa,
Nova e humilde ternura.

Depois floresce...

— O vago e doce e deliciante aroma
Que vem da sua flôr quási se tôma
Pela alegria e a vida
Das vinhas que entumesce.

Floresce e frutifica...
E então é que a rasteira,
A aleijada e pobríssima videira
É a oferenda melhor da terra e a mais rica...
Como nenhuma rica, oferenda de beleza
Fantástica de côres,
Com gêmas de oriente em fogos de cenários,
Mágicas de luz,
Com estandartes de vida perdularios,
Verde-esperança, crepusculo,
Oiro e rubro, concentração de soalheiras,
Côres a morrer sobre a tragedia das videiras,
Côres a morrer na cruz!...

De novo aos soes e às luas
Com a vida a morrer sobre os seus corpos,
Sem a oferta de côr e de beleza, nuas,
Como voltando à contorsão primeira,
Das parras despojadas,
Expostas à inverneira dura e às nevadas,
Conchegadas à dor,
Das vides friorentas saem gritos
Sufocados, frementes,
Os uivos de Laocoonte
E os silvos das serpentes.

Vides irtas são braços suplicantes
E a cepa tósca é potro de tortura
Mal erguido da Terra e d'Ela nuns instantes
E gestos dizendo a tragica clausura!

Curvas anquilosadas
Com a dificuldade material que aterra,
Como se fossem gestos do torrão,
Em argila moldadas,
A dizer a tragedia essencial
E brutal
Da terra
Por não ter expressão.

Elas gritam a vida mal vivida
A vida imediata e mal sofrida
E rudemente exprimem a tragedia.

No entanto,
Sempre a recordação e a esperança da beleza
Volta e eleva seu sofrer,
E se transforma toda a Natureza,
No triunfo entretida,
—Essencia da tragedia a enfebrecer,
Sumo divino e simbolo da vida.

É o triunfo alegre e tão profundo
Das vindimas, e o mosto enlouquecido
Feito de toda a natureza repizada...
Terra, seivas, o sol, a alegria do mundo,
Cansaço...
É o vinho por ele aparecido.
—De novo a côr e a luz ressuscitadas.
É o cortejo imenso de Sileno

E a alegria, a alegria, a alegria...
..... Bacantes,
Danças, gritos, canções, símbolos, estuantes
De sangue derramado,
Espanjado
Enormemente!...
É Baco... oh, a vida já divina!
Esquece de repente
A vingança brutal da vida a querer viver,
A alegria assassina
Do sonho primitivo do sofrer...
É, coroado de toda a Natureza,
O Deus que ergueu a vida da rudeza.
É o sonho da vida triunfal,
Em que relembra até a mesquinheza
Em que recorda até o proprio mal.
— Sonho
Como na vide estranha e imensa,
Em que a imagem da vida se condensa
E ilumina melhor,
Tortuoso,
Brutal,
Triunfal,
Glorioso,
Criado pela dôr.

HINOS À ÁRVORE

I

Árvore amiga,
Por onde aragens
Passam cantando,
E as aves trinam,
Aves afinam
Suas linguagens.

Árvore amiga,
(Que aves povoam)
Tuas raizes
Prendem as terras,
Fixam as serras,
Que se esboroam.

Árvore amiga,
(Que as terras prendes)
Filtros do ar
Que respiramos
São os teus ramos
Que ao ar estendes.

Árvore amiga,
(Que purificas)
Chamas as chuvas,
As humidades :
Fertilidades
E seivas ricas !

Árvore amiga,
(Chuvas guardando)
Drenas, entanto,
As pantanosas
Aguas lodosas,
O chão minando...

Árvore amiga,
(Que salubrisas
O solo e o ar)
Barrando os ventos
Rijos, violentos,
Climas suavisas !

Árvore amiga,
Onde vicejas
Há sombra e há côr ;
Ês flôr e és fruto,
Graça e produto...
Bem dita sejas !

II

Bem dita a folha
Que te reveste :
Verde folhagem
Que é tua veste,
Densa ramagem
Que fórma a copa.

Bem dita a copa
Arredondada :
Que é dôce abrigo
Da passarada,
Que é této amigo
Que fórma a sombra.

Bem dita a sombra :
A mancha escura,
Que cae, dormente,
Da tua altura
Na terra ardente...
Largo sombreiro.

Largo sombreiro
Dos viandantes
Que afogueados,
Marcham ansiantes,
Passam cansados...
Que cobre os ninhos...

Bemditos ninhos :
Casas das aves,
Que, em paga, cantam
Canções suaves...
Que o espaço encantam,
Cantando o Amôr !

Bemdito o Amôr,
Que em flôr rescende
O ar perfumando,
Que em flôr resplende
Como enfeitando !
Donosa noiva !

Bem dita Noiva,
Fertil, serena,
De graça estranha,
De esp'ranças plena,
Que em sua entranha
Nos traz o fruto !

Bemdito o fruto,
Na flôr gerado,
Que a sêde estanca,
Bem sazonado,
Que a fome espanca,
O dôce fruto !

A OLIVEIRA

Árvore triste,
Mas verdadeira
— A oliveira.

Árvore triste?
Talvez, talvez...
Mas, sendo triste,
Quanta alegria
Dá, tanta vez!

São quási todas muito torcidas
E recurvadas...
De seiva cheias e de saude.
— Que geitos tomam, como doridas!
— Que geitos têm como humilhadas!
Muitas recordam, pela attitude,
Rôtos mendigos
Junto de estradas...

Não só de velha
Se dobra e engelha,
De muita idade,
Mas de muito pejar
E carregar...
— Serena e útil
Fecundidade!

Mas quando velha, já centenária,
Pela *ferrugem*,
E pelo tempo comida,
Toda lanhada
E esburacada,
Cheia de musgos e carcomida,
Raiz ao sol, quási arrancada...
Inda se enche de novedíos,
De bons rebentos,
Verdes, cinzentos,
Inda se vai enramilhetando
E em frutos grados
Ao chão vergando.

Sempre vestida,
Sua folhagem,
Sua ramagem,
De muito usada,
Muito empoeirada,
Lembra pobreza...
(Sendo tão farta, sendo tão rica!)
Daí o acharem-lhe tristeza.

E quanto é rica,
E quanto é farta,
Quando floresce e frutifica!
Para maior modéstia
— Talvez tristeza —
O seu produto,
Quando amadura,
Se torna em preto.
— Preto de luto,
Todo de negro, como reluz!
Corpo de treva e alma de luz.

Para o colherem é *varejada*...
E de tal forma, tão *fustigada*
E espedaçada de tal maneira,
Que já sucede à oliveira
Um ano não
Um ano sim
Não carregar,
Antes deitar
Safra ruim.

Árvore triste
De tom sombrio,
Sendo grosseiro e lutuoso
O seu feitio,
(No corpo todo, fruto e folhagem)
Ai quanta vida na sua vida!
E do seu fruto
Quanto desfruto.

Árvore triste, de côr sombria,
Tambem teu óleo nos alumia!

Tão rude e simples,
E maltratada,
Como abundante e proveitosa,
Ês para mim árvore sagrada!

Nesse teu porte, tão grave e humilde,
E nessas pobres e russas côres,
Velha árvore sombria,
Tens a valia
Do *arco da velha* que o céu acende
E que resplende,
(Camaroeiro certo de bonança)
Em mil fulgôres,
Irmã do *Arco da Aliança!*

A velha Humanidade
Em ti divinizou
O risonho sinal derradeiro da esperança.

E sempre, assim, quando no mundo
Referve a cólera da guerra,
E a lava da discórdia
Se espalha sobre a terra,
Que alígera bandeira
De paz e de concórdia

Resurge e se espaneja triunfal?
Uma bandeira branca
Ou um ramo prateado de oliveira.
— Que ao fim de tanta luta
E tanta e vã canceira
Tenhamos sempre, a proteger-nos
E a serenar a nossa ânsia,
A lembrança de toda a Natureza
A sombra, um ramo ao menos,
Duma oliveira
Carinhosa de Paz e Abundância.

A ÁRVORE CORTADA

Estava ali estendida, moribunda...

Não a ferira e derrubara, não,
A arremetida louca dum tufão;
Levou-a à morte a estupidez profunda,
Baqueou do homem à ferina mão.

Estava ali estendida, moribunda...

Já sem fibrilha de raiz sequer
Que a segurasse à terra onde nascêra,
À fundura do solo em que crescêra,
Teimava ainda, exânime, em viver.

Verdinha, a seiva rica que a animara
Inda lhe enchia as veias enfartadas,
E a rama, que arrancavam-lhe às braçadas,
Renitente luzia, não murchara.

Restos de vida preciosa e forte,
Mais pareciam clamoroso brado
Contra as mãos vís que a tinham derrubado
Do que luta da vida contra a morte.

Estava alí estendida, moribunda...

Para a darem depressa à morte assim,
Para o machado à vida pôr-lhe termo,
Decerto que o seu corpo estava enfermo,
Que o seu tronco minava um mal ruim...

Seria, neste caso, acção piedosa:
— Duma piedade que não há com a gente!...—
Abreviar a vida a um padecente
Corroído duma chaga cancerosa...

Mas não! mas não! com víride saude
Todas as primaveras remoçava;
Embora secular, não arrastava
Uma inutil e van decrepitude.

Em todos os estíios, bracejando,
Tinha gestos de hercúleas energias,
E vestia-se toda de alegrias
Sua folhagem basta arredondando.

Até parecia, — se possível fôsse —
Que estava com mais força e segurança,
Tendo no aspecto calmo e na pujança
Um ar consciente, entre severo e dôce...

Porque era muito grossa e muito alta,
O rapazío tinha-lhe respeito :
Nunca a tão nobre fronde, com efeito,
Chegara o seu furôr, que tudo assalta.

Porque era muito idosa, e de juízo
Portanto, as aves confiadamente
Aos bandos a buscavam... Gravemente,
A faia tinha um maternal sorriso.

E para resistir ao frio do clima,
— Ou porque o frio os anos tragam, certo —
Para beber a luz do sol mais perto
Mais se alongava pelo céu acima.

Era uma faia enorme, colossal.

Pelas tardes em fogo, a sombra densa,
A larga e fresca sombra que fazia !
E como achasse, enfim, que protegia
Ainda pouco a sua copa imensa,

A faia amiga, enorme, colossal,
Ia roçar, ia sombrear ainda
Dum velho templo a ogiva airosa e linda
E a estrela da rosácea medieval.

Com que amorosa mancha refrescava
Os baldaquins com Santos do Evangelho,
Na architectura em mármore vermelho
Que o sol intenso mais avermelhava.

Era um enlevo, às horas raiosas,
Quando uma aragem tépida soprando
As folhas reflectia, ramalhando,
Nas paredes da igreja, silenciosas.

Com as brincadas rendas do reflexo
Da folhagem, que o mármore animava,
Do templo a faia mais se aproximava
— Ambas unia um solidário amplexo.

E assim a árvore que ali brotára
Da igreja sob a guarda protectora,
Da mesma altura, acompanhava-a agora.
— Eram irmãs, que o tempo respeitara.

E a faia amiga, enorme, colossal,
Estava ali estendida, moribunda,
Ao lado duma cova extensa e funda...

Que nisto diferimos: para a morte,
Desenterra-se a árvore profunda...
Emquanto a nossa vida, a nossa sorte,
De vez se extingue e enterra num coval...

Estava ali estendida, moribunda,
A faia amiga, enorme, colossal.

Homens, anões de efémera existencia,
Com que direito ergueis traidora mão
Sobre um gigante assim da Criação,

Que viu, da sua altiva proeminência,
Cá em baixo passar, tumultuar,
Tantos seculos e tanta geração?!

Depois, sendo tão util e tão linda,
Homens, para que assim a condenastes?!
Para que de repente a devastastes,
Tão proveitosa e vigorosa ainda?!

Com os pés de mil garras mergulhando
Na terra, e a fronte topetando os céus...
Dir-se-ia que afrontava esses pigmeus
— As obras de pigmeus atravancando.

Oh crime inenarravel, miserando!
Nos seus rudes, estupidos fadarios,
Homens sem alma, brutos mercenarios,
Começaram a pobre esposteando.

Torcem-lhe as hastes finas e os ramúsculos,
E, ou serrando ou às brutas machadadas,
Vão decependo célere as pernadas
De casca rija e retesados musculos.

E como o tronco seja duro e enorme
Umhas poucas de serras vão serrar
Aquele corpo imenso e secular
— Que parece um gigante hirto que dorme.

E a faia estoica, a faia heróica e triste,
Com o sangue a coalhar nos filamentos,
Sofre calada os últimos tormentos,
Já sem forças à morte não resiste.

E ninguem brada contra um tal flagício!
Passa, mal reparando, a ignara turba...
E a igreja, de senil, nem se perturba
Assistindo ao selvatico suplício.

*

Numa pausa da faina, em que repousa
Da barbara chacina o lenhador;
À hora esbrazeada, em que ao calôr
A Terra dorme em sésta remançosa;

Eu vi descer, interessado e absorto,
Eu vi descer alguns pardais ansiados
Sobre os membros dispersos, mutilados,
Desse colosso finalmente morto.

Em torno à faia os pobres esvoaçavam,
Em curvas brandas, quási silenciosos,
— Tão tristes que pareciam lutuosos
— Tão tristes que dir-se-ia que choravam.

Não se vendo espiados, em segredo,
Percorriam os restos, em pedaços,
Desse dorso giganteo e dos seus braços,
Em que havia uns farrapos de folhedo.

Iam e vinham, trémulos, piando,
Subiam e baixavam insistindo...
— Como se ainda andassem inquirindo,
— Talvez seus velhos ninhos indagando.

E ou porque procurassem, doloridos,
Seus filhos, suas casas destroçadas,
Ou, recordando as sombras bem-amadas,
Lhe trouxessem o adeus, enternecidos,

Ante a geral e gélida indiferença
E o estranho olhar da própria Natureza,
Só eles compreendiam a grandeza
Daquele crime, e aquela dor imensa;

Só esses pássaros plebeus, gralhantes,
Esses boémios do ar e dos telhados,
Fôram fieis... velaram maguados
A faia nos seus últimos instantes.

O ANSEIO DA CHUVA

I

Havia muito que não chovia,
A terra sêca, à luz violenta,
Toda crestada,
Toda gretada,
Bôcas abria...
— Como esfaimada,
— Como sedenta.

II

As lavadeiras,
Sempre palreiras
E galhofeiras,
Já não gralhavam,
Já não cantavam,
Pois as ribeiras
Em que lavavam
E tantas, tantas águas levavam

No mais acêso do pleno verão,
Iam agora (uma dôr d'alma!)
Iam sequinhas,
Iam lisinhas,
Ai como a palma
Da nossa mão.

III

Há quanto tempo que não chovia!
Oh que ano esse!...
O que seria
Das sementeiras,
Do grão das leiras
Dos campos razos e ribanceiras,
Se não chovesse?!...
Que a terra bebe, a terra come...
Para nos dar sustento emfim;
E não comendo
E não bebendo...
Ai que ano horrendo!
Que ano ruim,
Que ano de fome!

IV

Viessem, ao menos, uns aguaceiros,
Fortes salseiros,
Mas passageiros,

De trovoadas!
Pusessem embora apavoradas,
Tremendo aflitas,
Ignaras gentes,
E as petizadas
E as passaradas...
Águas bemditas,
Assim tombassem em enxurradas...
Assim chovêsse, águas sagradas,
Chuva em torrentes,
Limpendo o ar,
Dando alma aos poços mais às nascentes!

V

Assim ninguém que não clamasse
E deplorassem
O tempo lindo que ia correndo...
Que série horrível
E interminável
De dias belos!
Quão preferível
O tempo iroso
Ao amável
Ao caloroso,
Precoce estio!...
Antes o frio,
O gelo e a fúria
Da invernia
A mais bravia!

VI

E o tempo lindo continuava !
 O sol raiava,
 Passarinhava
 No azul mais puro que eu vi ainda.
 Que sêda linda,
 Fiada de oiro !
 E a graça infinda,
 Quando prateada,
 Das luas belas,
 Quando bordada
 Toda de estrelas !

VII

E o frio inverno nunca chegara
 — Nem fôra coisa que a tempo houvera...
 Eterno estio,
 Ou primavera,
 É o que brilhava
 E se ostentava
 Na natureza...
 Mas sendo dôce,
 Sendo festiva,
 Tanta beleza,
 Tal alegria,
 Só infundia,
 Só inspirava
 Funda tristeza...

VIII

Dias ardentes, de sol violento,
Sol descoberto,
Esbrazeados...

Dias ardentes, de asfixiante
Sol encoberto,
Atabafados...

Manhãs vermelhas, tardes ao rubro,
De oiro em cadinho,
Oiro em fusão...

Parada a terra, calado o campo,
Hostil, sosinho,
Sem viração.

Sob os meus passos ergue-se o pó
Do chão que escalda,
Como favilas
Reverberando,

Sou, com o calôr, na terra só...
E a bôca em febre
Rubras argilas
Vai mastigando.

IX

Após o sol queimante e refervente,
Estes dias de vento atabafante,
Chover!...

Estas horas de chuva refrescantes
Sorver...

Aspirar e beber todo o frescor
Que goteja no ar, calmante olôr
Que apazigúa o corpo extenuado...
A alma resequida, o olhar queimado,
De tanta luta e fogo, ao fim do dia...
Consolado sugar, a haustos pulmões,
Toda essa seiva das vegetações
Trasbordantes de arôma,
Quando as folhas, poentas, calcinadas,
Arrefecem à água, consoladas,
Numa alegria gárrula de banho.
Aspirar e beber o cheiro à terra
Que exala a terra quando assim regada
Aos crivos grossos de uma trovoada...
Encher a bôca, os olhos, nossas vidas,
Nessa doçura
Que se eleva das terras doloridas,
Passageira de aroma e de frescura.

PELAS ÁGUAS

Águas manantes que teimais correndo,
Sempre gemendo, sempre a gralhar, sempre a cantar,
Emquanto o sol fervendo e refervendo,
Tudo aquecendo, tudo secando ou fecundando,
Boia no ar.

Águas das fontes, frescas e claras,
Saciando, avaras,
As bôcas sêcas, as bôcas murchas, que vão passando...
Águas dos montes que veem tombando,
Águas livres das serras,
Regando as terras, sempre a marchar e a murmurar...

Águas que andaveis rindo e cantigando
Doces cantares,
Tomando o sol, também, parte na festa,
Matando a sede aos hortos e pomares
E dando viço à flor e aos troncos da floresta...

Eu oiço-vos chorar !

À noite, quando
A faina nos silencios agonisa,
E mesmo se, mais tarde, a Lua trasbordante
Caia de luz a Terra e a Vida galvaniza,
Águas, é mais maguada e perturbante
A vossa voz, o vosso grito, o vosso canto...
Longe, no estremunhado éco do Infinito
Mais pareceis um gorgulhar de pranto.

As folhagens e o vento adormeceram ;
Tudo, agora, dormita pela noite em roda...
E tão cavada é ela e tão sóturna toda
Que até aves da noite e feras recolheram...

E assustadas se calam...
Nem estrelas, hoje, velam pela altura.
Porem as águas velam, as águas correm, as águas falam
Na noite escura...

E o que elas dizem, o que expressam elas,
Vendo-se sós, confiando as suas queixas
Às pisadas endeixas
Do seu correr cançado,

Eu o oiço, eu o oiço, apurando os ouvidos,
No seu côro maguado,
No quebrado cristal dos seus sonidos :

«Varía o Vento, o Vento amansa, o Vento pára,
«A descançar talvez...
«Nas calmarias dormentes
«No praiamar das marés
«Descança e pára o Mar,
«O proprio Mar de águas revôltas,
«Nossas irmãs.
«Só nós nunca paramos,
«E a nossa marcha é sempre mais dorida,
«E o embalar do nosso sonho terno
«Mais profundo de dôr...
«E por este cansaço eterno
«A vida
«Se embebeda em frescôr.»

O CAVADOR

Feliz do pobre cavador ; feliz
Dêsse simples de calmo olhar jocundo :
— Quatro palmos de terra, o seu país ;
— O vale e a sua serra, todo o mundo.

Feliz, feliz,
Que tem nesse cantinho a mina d'agua,
Que tem dos seus, na trabalhada frágua,
E de si proprio a única raís.

Feliz trabalhador robusto e pobre
Que não conhece largos d'oceano
Que o alto das montanhas num arcano
Alem lhe encobre...
Fome de vêr, viagens, aventuras
A todo o pano...

Sol a sol trabalhando... É trabalhar
E procrear
A vida rude, a vida silenciosa
E venturosa
Desta ignorante e socegada gente.

Lê nos astros, e crê, e tem esperança,
Confiadamente,
Que chova para as suas sementeiras
E depois faça sol, sêco, bonança,
Por môr das eiras.

E a sua vida, pela idade adiante,
É mais serena e calma e confiante;
Tal sua enxada — quanto mais trabalha
Na rude trilha,
Mais se aguça, mais corta, e é mais maneira,
Ainda mais brilha.

Feliz do pobre cavador de terras!
Felizes desses pobres «infelizes»,
Os satisfeitos, ignorantes *servos*,
Mais fortes e mais sãos do que as raíses,
Que não têm ambições, sem alma e nervos...
Feliz do pobre cavador de terras
Que faz enverdecer, florir as serras!

Que nós cavamos, sim, também cavamos,
Sem alviões, enxadas, e sem amos,
Terra mais dura...

Cavando, vós, achais vosso alimento,
Nós a cavar, cavamos sofrimento
 Em rocha pura.
Colhemos, quando muito, inuteis louros,
E ao fim da lide a rasa sepultura.

Ô DITIRAMBO DA TERRA

Lavrador velho, tudo entregando
Às leis da sorte, à graça de Deus,
Em ti confia, guarda a seara,
Não tenha apenas guarda dos céus.

Terra dorida, Terra querida,
Frutificando sementes, flores...
Mãe tenebrosa, Mãe generosa,
Gerando a vida, cantando amores!

Cavador triste, todo curvado,
Tempo é de ergueres-te, a toda a altura!
Tens armas novas, luta e trabalha,
Mesmo que seja contra a Natura!

Terra jocunda, terra profunda,
Parturejando sementes, flores...
Partos sagrados, abençoados,
Mater fecunda, bemditas dores!

Zagal antigo levando o gado
Por léguas bravas de serrania,
Faça teu braço seu ventre fértil
E áspero, cobrir-se de herva macia.

Terra de todos, Terra para todos
Bôcas famintas têm riso amargo.
Aos homens fartos a alma é mais leve,
Forte o triunfo e o mundo largo!

Homem das máquinas resfolegantes,
Homem que rasgas a dura encosta,
Se a Terra é campo de ásperas lides,
Depois das lides é mêsã posta.

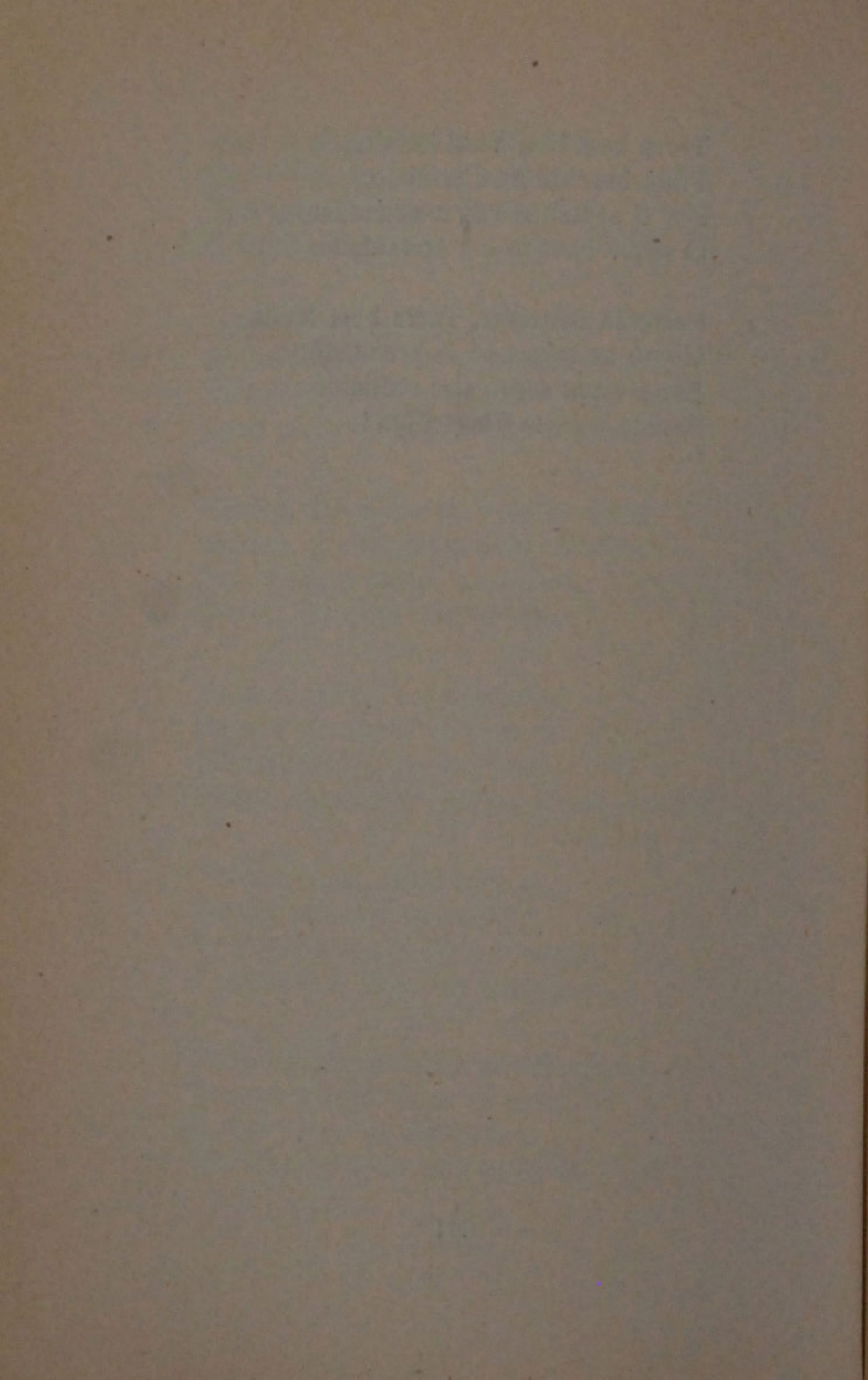
Terra bemdita, Terra infinita,
De dôr eterna, de riso eterno,
Grado fruteiro, farto celeiro,
Para o nosso estio, para o nosso inverno!

Terra lavrada, tanto regada
De mil suores e de agonias,
Provendo, alegre, lares e mesas,
Sê sempre a fonte das alegrias.

Verdejam montes, rochas verdejam,
Remoça a vida, florindo toda...
E tudo vive, baquicamente,
Na força ébria de enorme bôda.

Terra bem dita, Vida infinita,
Toda fundida na claridade,
Por ti sentimos nós a abundância,
O amor intenso e a eternidade.

Fecunda entranha, Terra bem funda,
Como as raízes se és prendedôra,
Em ser teu servo sou redimido
Serena e forte libertadôra!



CANÇÕES DA TERRA

REZA EM NOITE DE TEMPORAL

Ai do pobre pinheiral!
Que será dele, coitado,
Assim com ira espancado
Na furia do vendaval!?...

Pinheiros magros da encosta,
Que, só da brisa os tocar,
São como ondas a chorar
No mar batido da costa...

*

E que será dos moinhos!?
Vivendo eles com os ventos,
Ao vê-los assim violentos,
Calam-se, ou falam sósinhos...

Os moinhos, que são almas
Melancolicas orando
Ao vento, mas vento brando,
Nas tardes e noites calmas...

*

E que será dos pomares
Varejados, rebatidos,
De flôr e fruto despídos,
Sem pudôr, pelos tôrvos ares!?

Eles que guardam no seio
Quais mãis, com recato, os filhos:
— A flor, de virgineos brilhos...
— O fruto, de seivas cheio...

*

Ai dos simples passarinhos!...
Quanto pavoros irão,
Que tragedias de aflição,
Nos frageis leitos dos ninhos!

Aos ventos embora afeitos
Na ondulação das ramagens,
Serão barcos nas voragens,
Agora bateis desfeitos...

*

Ai das rosas, ai das flores,
A abrir em jardins, canteiros,
Esperando em vão os primeiros
E lucilantes alvares...

Que funda agonia imensa
Numa só flor a tombar!
P'ra que havia de enfolhar
Vindo a morrer à nascença!?

*

Ai dos rebanhos, despertos,
Com seus lebreus e pastores,
Sob a cúpula de horrores
Pelos bardos descobertos!...

Corações em sobresalto,
Pensarão, juntos na dor:
Com todo o saque e pavor,
Que é alcateia em assalto.

*

Ai dos lobos, feras vis,
Contidas no seu degredo!...
Não de fome, mas de medo,
Uivam por cerros, covis...

Que outras feras mais ferozes
Na noite passam bramindo...
Loucos Atilas punindo
Inocentes como algozes.

*

Ai dos tristes viandantes :
Almocreves e mendigos,
Sob os ventos inimigos,
Alagados, tiritantes !

Ai deles, dos pobresinhos,
Pelo escuro tateando,
Sem relampagos riscando,
Sequer, a guiar caminhos...

*

Ai, enfim, dos lutadores
Do mar, na faina violenta,
Surpreendidos na tormenta...
Marinheiros, pescadores...

Se a tempestade a furiar
Na terra tudo trespassa,
O que dizer da desgraça,
Dos que andam por sobre o mar!?...

MISERERE DO TEMPORAL

Noite de fúria na terra,
Noite de fúria no mar...
Como alcateias na serra
O vento põe-se a uivar.
Noite de fúria na terra,
Noite de fúria no mar.

Recordam mortos na terra,
Recordam mortes no mar,
O vento que tudo aterra
Mais as ondas a galgar...
Falam em mortes na terra,
Falam em mortos no mar.

Não se sabe qual a terra,
Nem se sabe qual o mar,
Tanta a chuva que desterra
O céu, tudo a inundar...
Mal já se distingue a terra,
Com os chuveiros, do mar.

Cresce a procéla na terra,
Cresce a procéla no mar...
É Deus que em violenta guerra
Vem o crime a castigar
Aos que batalham na terra,
Aos que mourejam no mar.

Grita o vendaval na terra,
Grita o temporal no mar...
Tamanha violência encerra
Que vai-se o mundo a acabar...
Tal a destruição na terra
Tanta a destruição no mar.

Não cessa o vento na terra,
Não finda a raiva do mar.
Frágil Alma ajoelha, enterra
O teu pavor a rezar...
Dai sossêgo ao mar e à terra,
Senhor da terra e do mar!

CANÇÃO DO BERÇO

Acalentando aprendi
A doce arte de cantar ;
A cantar chamo o teu sono
E o meu consigo espalhar.

Antes que em berço te deite,
É teu berço o meu regaço :
Braços de mãe embalando
Não conhecem o cansaço.

Não dormem os passarinhos,
Mais tranquilos, sem receio...
São os meus braços os ramos,
É o ninho este meu seio.

Parem as bulhas das folhas,
Que são horas de deitar...
Só as mães sabem com geito
Os filhinhos embalar.

Cessem as rezas do vento,
Que é já tempo de dormir...
Os cuidados, mesmo grandes,
Leva-os a mãe a sorrir.

Calem-se as vozes do mundo,
E até as aguas da fonte!
O meu canto abafa os pios
Do môcho daqui defronte.

Vento que vem com a lua,
Que se vá ao meu mandado!
Coruja que estás soprando,
Deixa as telhas do beirado!

Não é que seja agoireira,
Corujinha, a tua voz;
Cada qual canta o que sabe;
Os agoiros vêm de nós.

Agoiros, que vão com o vento!
Para depois meu cuidado!...
Tarde será em que emigres,
Ou que vás para soldado...

Dorme, dorme, meu filhinho,
Que eu te velo sem presagios...
Antes de vêr-te mareante,
P'ra que pensar em naufragios!?...

Leve-os o demo, aos *trabalhos*,
Que a seu tempo eles virão :
Quando ao sair dos meus braços
Entres no mundo, em roldão.

Tua boquinha é de rosa,
Tua pele é de setim...
O que ao futuro serás,
Quem mo diz agora a mim!?!...

Só meu cuidar seja agora
Ver-te medrar e crescer...
Flôr p'ra cair em botão
Não devia de nascer.

Do meu colo para o berço,
Do berço à caminha estreita...
O temporal, a cair,
Ja te encontre árvore feita !

Dorme, dorme, inocentinho...
Quando a tormenta chegar,
Que te veja resistindo,
Já com asas e a voar...

Dorme, meu filhinho, dorme,
Que o teu sono velo eu...
Lar em que exista um filhinho...
Se um céu existe, é o seu !

CANTIGAS DO SÊTESTRELO

I

Setestrelô, «que vai alto»
E é da Lua companheiro.
Quem há aí que o não cante
E o não tenha por parceiro!?

Setestrelô vai-se esfriando,
Contas de luz a passar...
São as sete *Ave-Marias*
Do rosário do Luar.

Setestrelô : sete barcas
Que no céu alto marinham;
Nem que levem contrabando,
Só pela noite caminham.

Setestrelô : sete velas
Postas ali em altar,
À Virgem Nossa Senhora :
À Senhora do Luar.

Setestrelô : sete pregos,
Pregos de oiro dum toucado ;
Alfinetes com que a Noite
O seu manto traz pregado.

Setestrelô : sete cravos,
Cravos de luz, santas flores...
Sete punhos das espadas,
As da *Senhora das Dores*.

Setestrelô : sete aves,
Asas de fogo a fulgir ;
Sete virgens a rezar,
Sete anjinhos a sorrir.

II

Cantigas do *Setestrelô*
Cantares ao desafio !
Setestrelô no Azul treme
Todo arrepiado de frio.

É que a Lua agora está
Tão frouxa, tão esbranquiçada,
Que lhe parece estar vendo
Uma montanha nevada.

Comadre Lua : madrinha
Das estrelinhas doiradas ;
Setestrelô : sete moças,
As mais belas afilhadas.

Setestrela, sete estrelas...
São almas transfiguradas,
Feitas estrelas, juntinhas
Nas planícies consteladas.

Sete palavras de Cristo
Sete frases que na Cruz
Disse na hora suprema,
Suprema angustia, Jesus.

Da senhora mãe de Deus,
Doce mãe dos pecadores,
As sete espadas cravadas
No seu peito — as sete dores.

Sete estrelas, sete irmãs,
Sete almas arrependidas
Que andam chorando de noite,
Sete lágrimas perdidas.

O *Setestrela* vai alto,
Bem o vêem pescadores;
Setestrela vai-se embora:
O mestre e seis remadores.

CANÇÕES DAS ONDAS

I

Ondas de neve nitente
Enroladas em luar,
Espirando-se em crescente
Como essa lua ao voltar...

Ondas altas, ondas vivas,
Que andam mar alto — a bailar
Ora altivas, ora esquivas,
Vindo à praia sossobrar...

Ondas que evocam venturas,
Ondas que dizem preságios,
Sonhos de Índias, aventuras,
Saudades e naufragios...

Ondas da costa batida...
Vagas de oceano banzeiro...
Águas de terra querida
Sob o clarão do Cruzeiro...

Branca espuma a coroar
Crista nevada de serra...
Ondas de luar e de mar...
— Irmãs das da minha terra!

II

Ondas trepando, troando...
Ondas descendo, batendo...
Ondas na praia cantando...
Ondas na praia gemendo...

Anda-as o Mar atirando,
Em baterias crescendo...
— Pregões de guerra entoando...
— Peitos vencidos morrendo...

E no areal que andam branqueando,
No lençol que andam estendendo,
Amortalhando e enterrando
Vão nascendo e vão morrendo...

Umás sucumbem tombando,
E logo outras vem rompendo...
E elas próprias vem carreando
As dunas que as vão prendendo...

E eternamente cavando,
Continuamente cedendo,
As areias vão levando
As areias vem trazendo...

III

Ondas ciciando meiguices
Ou bradando aos vendavais,
Como vós tenho criancices...
Revoltas de temporais...

Ondas brandas de delicias,
Ondas féras, mar desfeito...
Ondas — as minhas caricias!
Ondas — ansias de meu peito!

Ondas, ansias do escarcéo,
Gritos d'alma do Mar fundo,
— Reflectindo todo o Céu
— Abraçando todo o Mundo.

CANTARES

I

Triste fado, fado triste,
Fadario da minha sorte,
Com certos fados há vidas
Que são piores do que a morte.

Se não deve e se não teme
Quem dá tudo quanto tem,
Eu dei tudo quanto tinha,
Não devo nada a ninguém.

Se nestas contas da Vida
Há alguém que não pagou,
Esse alguém é este Mundo
De tanto que me roubou.

II

O meu amor, coitadinho,
Até tem graça a sofrer ;
Quando tosse, de mansinho,
É bica d'água a correr.

O meu amor sofre, sofre,
Que eu bem lhe oiço o ai profundo...
O meu amor muito sofre!...
— Não o merece este mundo!

Vai a enterrar o meu bem,
O meu bem vai a enterrar ;
Segue o seu caixão pequeno
Meu passado a soluçar.

O seu corpinho de jaspe
Já lá está na terra fria,
Mais a minha mocidade
A fazer-lhe companhia.

III

Tua bôca cheira a rosas,
Cheira a rosas que entontece ;
Roseiral é tua bôca
E o beijo rosa parece.

Tua bôca cheira a cravos,
Cheira a cravos que regala,
Que será quando ela beija,
Se cheira assim quando fala.

Água corrente, corrente,
Corrente de ao pé do rio...
Sem ti, mesmo em julho ardente,
Meu amor, eu sinto frio.

IV

O nosso amor é um barco
No estaleiro a aparelhar...
Só falta a benção do padre
Para ser lançado ao mar.

Pedindo piloto, à barra
Está um barco para entrar;
Os teus olhos são pilotos
Que me guiam nêste mar.

Sou pescador do mar alto
E não de junto da praia;
Quem me dera sempre à barra,
À barra da tua saia.

V

Quantos amigos já mortos !
Ai que saudades, Jesus !
O meu peito é cemiterio ;
— Cada lembrança uma cruz.

Não é Ela, não é Ela,
Que eu bem lhe conheço a fala.
O melro por mais que queira,
Nunca o rouxinol iguala.

Minha florita prostrada,
Meu tristonho e doce bem...
A violeta amarfanhada
Olha o perfume que tem.

Tem a cidade muralhas,
Tem muralhas toda em roda.
Fossem muralhas meus braços
Com que te cingisse toda.

VI

Quanto mais só menos só
Na minha melancolia...
Quanto mais só mais saudades
Me servem de companhia.

Mais que as ondas e as areias
Que não tem conta nem fim,
São as saudades que eu sofro
E trago dentro de mim.

Oh mar largo, oh mar profundo,
Que vais soluçando endeixas...
Ainda serão mais as queixas
Que eu levarei dêste mundo.

SAUDADES

Oh ondas da beira-mar,
Águas da costa batendo,
Como vós choro saudades,
Ando saudades sofrendo.

Saudades, fundas saudades,
Saudades, triste penar...
Saudades mando p'ra longe,
Ao outro lado do mar!

Saudades são como as ondas
Que se desfazem em espuma...
Morre uma, logo outra nasce...
Rolando vem, uma a uma...

Nasce no peito a saudade,
No mesmo peito desmaia...
Feliz, onda do mar alto,
Que vais morrer numa praia!...

Saudades mando p'ra longe
Saudades ficam comigo,
São muito mais as que ficam
Do que as que estão já contigo!...

AS NAUS DA INDIA

São três as Naus... Lá vão elas,
Sob remotas estrelas,

A vogar...

Mares nunca navegados,
Misterios indesvendados,

A rasgar...

Mais que os ventos do quadrante
E um Eldorado distante

A tentar...

Leva-as o genio da Ideia
E o valor duma Epopeia

A enfunar...

Lá vão as Naus, lá vão elas,
Sob outros climas e estrelas,

A dobrar...

Cedem ondas pavorosas...
Abrem-se Áfricas famosas,

Par em par.

Novas terras, águas novas,
Que p'ra muitos foram covas
De enterrar...
Rolam vagas, cantam versos,
Baloçantes como berços
A embalar...

Aos ventos todas as vélas,
Por bonanças e procelas
A marear...
Vélas de alma, asas de sonho...
Que importa o tempo medonho
A furiar!?...

Cruz nos panos estampada,
Rubra cruz doutra Cruzada
A fluctuar...
Naus heróicas, naus do Gama;
Que de longe a Índia chama,
A acenar...

Rompem ilhas de esplendores,
E arquipelagos de dores
A penar...
Cantam na tolda saudades,
E na quilha tempestadas
A quebrar...

No vago fundo azulado
Vem o sonho realizado
 A aurorear...
Praias da India formosas,
Terras da India gloriosas,
 A brilhar!...



RESTÊLO

I

Já se aparelham novas naus potentes,
Mais uma frota audaz, soltas as vélas,
Vai demandar as Índias resplendentes
De arremetida a monstros e procelas;
Os panos cheios de ar, impacientes,
Fazem, a baloiçar, as caravelas,
Velames que serão asas de Glória,
Folhas em branco para nova História.

II

Louca, de alegre, a gente à praia aflui,
Que o sonho mais que os vinhos embriaga,
Mas a alegria a espaços se dilui
Numa nuvem que passa ténue e vaga.
Junta-se à multidão que hilare explui
A mancha dos capuzes aziaga...
Bem mais que o sentimento presagioso
Enerva a alma o canto religioso.

III

As mulheres do povo, ao desafio,
Sobressaem pranteando atordoadas,
Como punhos as lágrimas em fio,
O cabêlo e as roupas desmanchadas,
Pondo os olhos no mar, mais que no rio,
Que as vai deixar em breve desoladas,
Uivam que nem os ventos e escarcéus
Quando a tormenta alcança os mastaréus.

IV

A Côrte que ali veio em tom de festa
Em suntuoso e triunfal bulício ;
O cortesão, que fica, e que a requesta,
E os mais que estar contentes é de officio,
Mal sabem o que seja a hora mésta
Das pobres no dramático suplício,
Esse instante cruel da despedida
Em que parece desprender-se a vida.

V

Os que partem, ou cêdo os seguirão,
Mar fora, na ansiada e ardida empresa,
Inebria-os a rútila ambição
A que votaram corpo e alma acêsa...
Os somenos até o coração
Dissimulam na impávida afouteza.
Que em português é d'hábito e dever
Nem por si mesmo se deixar vencer.

VI

Ergueram ferro as naus, vão de largada
Para os estranhos climas luminosos,
Com o ar firme de quem conhece a estrada
Para muitos de abismos horrorosos.
Na mesma pompa grave e compassada
Já recolheram Côrte e curiosos,
Só na praia ficaram mais instantes
As pobres em silêncio, soluçantes.

VII

As damas, em seus lares, que educando
Vão seus filhos a Pátria a bem servir,
Já trepidam, já choram, apagando
Nos cuidados as festas e o sorrir,
A todos e a si próprias preguntando
Quando novas de ausentes hão-de vir...
Pois se a razão é calma e interesseira
Discorre o coração doutra maneira.

VIII

Uma, agoirando trágicos perigos
Em surprêsas nas túrgidas derrotas;
Outra prevendo tredos inimigos
Pelas costas e praias mais remotas;
Ou perdidos das naus e dos amigos
Pelas florestas de regiões ignotas...
O eterno contratempo e adversidade
Com que não pode a mór heroicidade!

IX

Uma outra que pranteia a sorte dura,
Tocada do veneno do ciúme,
Já considera, aposta, quási jura
Vêr seu esposo rodeado, entre um cardume
De mulheres em suspeita compostura,
Todas feitas de bronze e olhar de lume...
— Talvez que para sempre cambiada
Por uma ímpia mulher não baptizada!

X

Pior, porém, que todas, há mulheres
«Miseras e mesquinhas» criaturas
Que longe sofrem mágoas, desprazeres,
Nas mais caladas vidas de amarguras;
Aqueles, no ruído e nos prazeres
Depressa aliviarão as desventuras
E decerto terão, mais cêdo ou tarde,
Consôlo ao fogo em que o seu peito arde.

XI

As próprias que ali foram, essas pobres
Cheias de dôr, fazer despedimento
E cujos olhos viram junto a nobres
Aclamados em doido movimento
Os seus, embora tristes como dobres,
Fruíram êsse orgulho e lenimento.
Que é vêzo humano, eterno e conhecido
Que a vaidade aligeira o mal sofrido.

XII

Para mais, elas são na maior parte
Netas, filhas de velhos pescadores,
Conhecem bem o mar, sabem que farte
O que seja o naufrágio e os seus pavores,
Mas estão tão afeitas de tal arte,
Que apoucados lhes chegam seus temores.
— Em singraduras perto e até na pesca
Quanta desgraça em aflição dantesca!

XIII

Outras, terras adentro, em serranias
E baixas que é preciso trabalhar,
Desamparadas curtem agonias,
Como castigo esfalfam-se a cavar.
No ríspido labor noites e dias,
Nem pensam no que venha a ser o mar...
Só sabem que as deixaram, entregando
A tarefa da terra irem lavrando,

XIV

Sózinha, com crianças em ninhada,
Com os seus braços fracos, sem o forte
Braço de homem que ao alto atire a enxada
Para a enterrar bem fundo e em largo córte,
Mulher, para viver fôste obrigada
A revolver a terra até à morte...
— Não cria pão tranquila terra dura,
Terra em paz só o chão da sepultura.

XV

Moureja para ti e teus filhinhos,
 Que é preciso manter e não trabalham,
 E os raros que ficaram, os velhinhos,
 Que por mais que lhes faças inda ralham
 E com inveja scismam nos caminhos
 Que a essa hora as grandes naus retalham.
 Não fôsse a invalidez, tambem iriam:
 Mulher e lar sem custo deixariam.

XVI

Os braços resistentes e robustos
 Acostumados ao labor da terra,
 Aspero mas pacífico, sem sustos,
 Foram lançar-se em sanguinosa guerra
 Nos climas mais inóspitos e adustos
 Onde o tigre apascenta e a onça erra.
 Depois do oceano e os bravos elementos,
 Gêntios e animais sanguissedentos.

XVII

Mas que sabem, as tristes, dêsses trances,
 Que ideia fazer podem da desgraça
 Das armadilhas em ferozes lances
 Que aos lusos deitará a gente baça?
 Pior lhes vai assim, sem tais alcances
 Como prevêr sequer o que se passa!
 Não há como a ignorância cega e obscura
 Para pintar mais negra a desventura.

XVIII

Porque deixar o sossegado solo
Das campinas de trigo e de frutado
Por uma vida feita de ira e dolo
Num voluntário e aspérrimo degrêdo
Em plagas ignoradas como o Pólo,
Das quais, se se voltar, não é tão cêdo?
Porque trocar o bem numa incerteza
Por uma certa, embora magra, mêsa!?

XIX

Para que em tal fogueira de cobiça
Energias queimar e aniquilar,
Engolfar-se no pégo duma liça,
Dum desigual e bárbaro pleitear
Que entre gentes estranhas só se atiça,
Donos de seu país e seu lugar,
Quando a fortuna está à nossa porta
E fica o lar deserto e a terra morta!?

XX

Muito embora riquezas entesoures
De gemas e mil pedras preciosas,
Não são para ti fortunas nem louvores;
Para outros são as páginas famosas
Que escreverão cronistas e cantores
Das viagens e conquistas grandiosas.
Tu, cavador antigo e diligente,
Ficarás pobre e obscuro eternamente.

XXI

De todo pobre não, pois se voltares
Encontrarás teu campo cultivado
E peçados de frutos os pomares
E nas eiras ao sol o pão malhado,
E a esposa tua, no melhor dos lares,
Dará doce repouso ao fatigado,
Entre os filhos que vendo uma tal sorte
Hão-de tomar ainda o mesmo norte.

XXII

É isto o Mundo, e lei universal:
As nações, como os homens, à pobreza
A muito custo e só se ageitam mal.
Viver em sonhos vivos de grandeza
Na paixão e na luta mais brutal
É dos fados a máxima beleza.
Que importam os tormentos finalmente,
Se é mestér prosseguir o fado ingente!?

XXIII

É isto a Glória, a Vida. Em vida inglória,
Sem fama e ideal, estímulos de acções,
Como hão-de subsistir e ter história
Os povos no acumúlo das nações?
Vida mortal, mesquinha e transitória
Não é para uma raça de leões.
Antes floresta hostil e sobranceira
Que ser a erva frágil e rasteira.

XXIV

País das verdes vinhas e estaleiros,
Pátria linda de nautas, lavradores,
Tens gente para tudo, pioneiros
De mil empresas, rotas e labores.
Sem rústicos cuidando dos loureiros
Que seria de heróis e de cantores?
Meu País encantado à beira-mar,
Tua vida é lavrar e navegar.

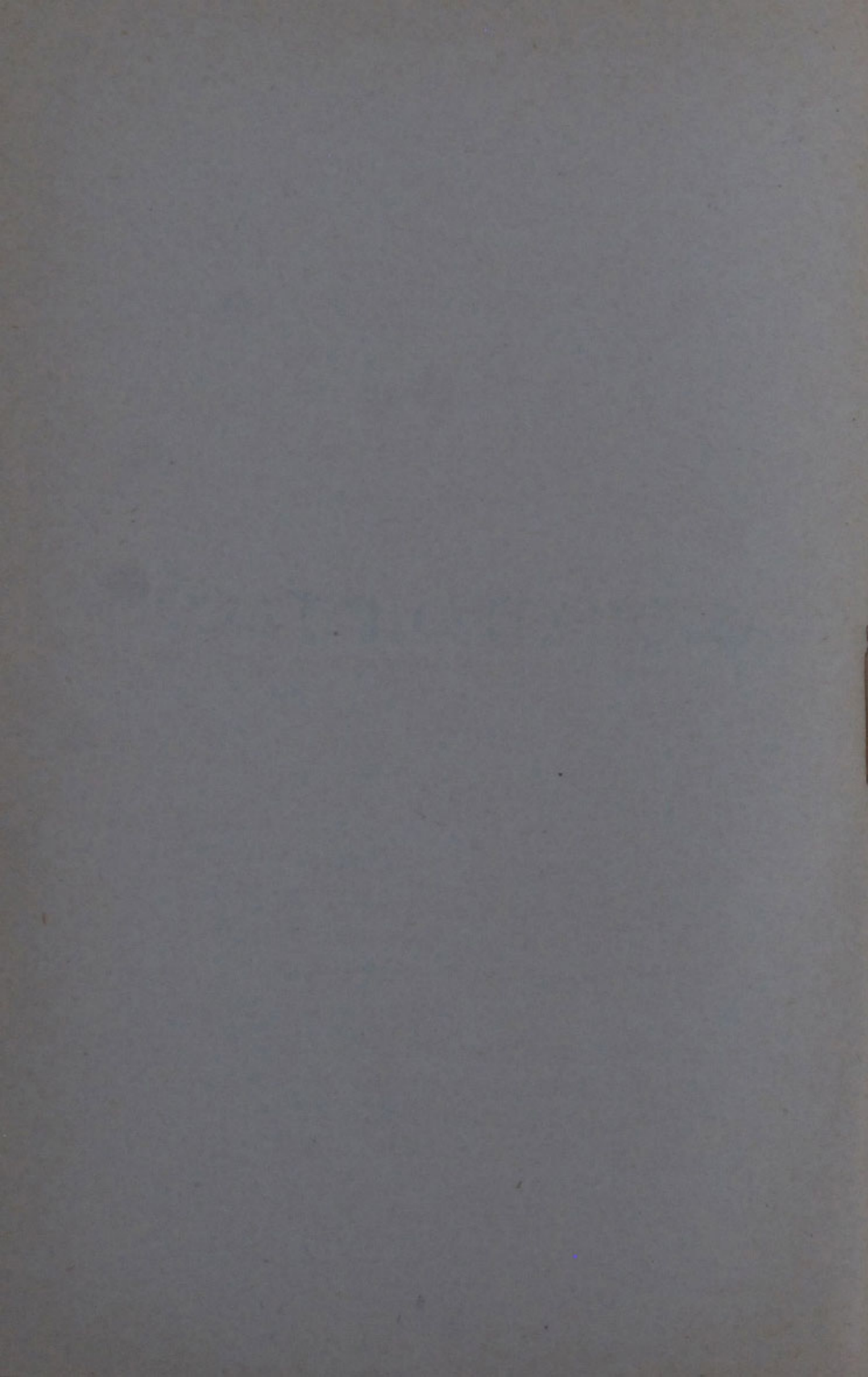
XXV

E, mulheres do meu país, à falha
De braços masculinos que o cultivem,
O vosso apêgo à terra é que a trabalha,
E tradições sagradas nêle vivem.
Enquanto longe e ardente o homem batalha
E faz que glórias fúlgidas se avivem,
Vais fecundando o solo bem cuidado,
Já que é estéril teu seio abandonado.

XXVI

Deixa que os teus prossigam mareando
E arroteiem os mares tenebrosos,
E em lutas excessivas continuando
Acrescentem aos feitos gloriosos
Outros feitos do novo e excelso bando
Que engeita o remansear dos preguiçosos:
— Gente que vos honrando vos despreza,
Só por sublime e fabulosa empresa.

AS QUATRO ESTAÇÕES



Surgem quatro figuras representando as Estações do Ano

A PRIMAVERA

Toucada de flôres de amendoeira, segura na dextra uma varinha florida de rosas. O corpete e a saia decorados de primulas, pervincas e outras simples flôres primaverais.

Canta:

Sou a Primavera gentil e risonha
Que a Terra desperta do longo torpôr ;
Após a invernica — que é noite e tristeza —
Sou flórea alvorada de vida e de amôr.

Ao gesto ligeiro do meu dôce mando,
Ao sopro bemdito, meu bafo celeste,
A Terra desata-se em rosas e cantos,
O campo de novo garrído se veste.

O VERÃO

Nimbado de sol, um ramo de espigas loiras na mão, e todo festoado de rosas e cravos e de frutos.

Muito risonho e afogueado, saltitante de vida, dirige-se à PRIMAVERA, como que oferecendo-lhe o ramo de trigo, e cantando :

Oh linda Irmãzinha: botão de noivado,
Sorriso de esp'rança, primeira harmonia,
Se és a Madrugada de ricas promessas,
Eu sou a verdade de já pleno Dia !

Aos beijos ardentes, meu sol poderoso
Aloira as searas, o pomo amadúra :
Dou flôres e frutos... Sou trigo doirado...
Dou pão e dou luz, alegria e fartura !

O OUTONO

Vem coroadado de pâmpanos, e enfeitado de *despedidas* e de frutos propios desta ESTAÇÃO.

Conduz uma pequenina taça de vinho, na mão erguida.

É forte e vibrante como um pequeno e saudavel *Diônisos*, apesar do seu ar um tanto melancolico.

Dirigindo-se ao VERÃO, canta :

Depois do calôr e da faina violenta,
Oh meu forte Irmão, eu à Terra dou calma :
Nuns dias pequenos — p'ra lides menores !
Nuns lindos poentes — p'ra gôso da alma !

Mas eu não descanso de todo... Colheitas
Que destas mãos tiram, ai são das melhores!
Alegres vindimas por tardes serenas...
E carros cantando, levando licores...

O INVERNO

Aparenta um velho ridente e forte. Traz neve na cabeleira
e nas barbas fartas, que resplandecem.
Cinge-o uma capa tambem salpicada de neve, que mal dissimula o seu corpo vigoroso.
Levemente arrimado a um pequeno tronco desfolhado de árvore, e com o veneravel aspecto dum *Natal* familiar, dirige-se ao OUTONO entoando :

Outono, não bastas, oh pálido Outono!...
O tempo já chega do meu poderio;
À Terra escaldada, cansada, arremesso
Meu manto de neve, de chuva e de frio.

Mas não sou a Morte... que a Vida é contínua...
Embora o meu manto pareça mortalha,
Se a Terra comigo descansa, adormece,
Comigo, no fundo, germina e trabalha!

Continuando, dirige-se à PRIMAVERA, em recitativo :

Sem o meu repouso, e até meus rigores,
As seivas gerando e criando vigores,
Tu não floririas!
Gentil Primavera,
Tu nada serias!